ANO VII (2.ª SÉRIE) — N.º 2219 — 1974 — QUINTA-FEIRA, 2 DE MAIO — PREÇO 2$50

A CAPITAL

Director interino: RODOLFO IRIARTE

PROPRIEDADE: S.G.C. - SOCIEDADE GRÁFICA DE «A CAPITAL» - R. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 66 - LISBOA-1 * TELEFS. 688125/6/7 * END. TELEG. ACAPITAL * TELEX 12386

O dia de ontem — 1.º de Maio — era aguardado com grande expectativa, em Portugal e no estrangeiro. A Junta de Salvação Nacional, que uma semana antes tomara conta do Poder, dava toda a liberdade para a celebração do Dia do Trabalhador. Saberiam os Portugueses merecer essa liberdade? Mais: teriam os adeptos do antigo regime força para perturbar a festa popular? Em resumo: estavam os Portugueses preparados para a Democracia?

Nas ruas de todo o País, os Portugueses deram uma lição exemplar de civismo. Não temeram o desafio. E passaram no teste. (PÁGINA 4)

1.º DE MAIO

PORTUGUESES PASSAM NO TESTE

24 almirantes generais e brigadeiros passam à reserva

A Junta de Salvação Nacional decidiu a imediata passagem à situação de reserva dos seguintes oficiais da Marinha: vice-almirante Eugénio Ferreira de Almeida e contra-almirantes Manuel Pereira Crespo, Aníbal Barros de Almeida Graça, Jaime Lopes e Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva; do Exército: generais de quatro estrelas: João de Paiva de Faria Leite Brandão e Joaquim da Luz Cunha; generais: Arnaldo Schulz, Edmundo da Luz Cunha, Fernando Viotti de Carvalho, Fernando Louro de Sousa, Eduardo Joaquim Magalhães Almeida Martins Soares, João Tiroa, José Sacadura Moreira da Câmara, André da Fonseca Pinto Bessa, José Alberty Correia e Horácio Emílio de Ávila Perez Pais Brandão; e brigadeiros: Pedro Alexandre Brun do Canto e Castro Serrano e José Junqueira dos Reis; da Força Aérea: generais de quatro estrelas: Mário Tello Polleri e Armando Correia Mera; generais: Ivo Ferreira e Rui Tavares Monteiro; e brigadeiro Alberto Fernandes.

Arnaldo Schultz demitido

Por decisão da Junta de Salvação Nacional, foi distituído das funções de presidente da direcção da Liga dos Combatentes o general Arnaldo Schultz.

Rebentamento de explosivos

Obras de reparação na doca 13 da Lisnave vão obrigar ao rebentamento de explosivos, para o que se chama a atenção das populações vizinhas de Lisboa e de Almada.

Os rebentamentos terão lugar nos dias 3, 4, 6 e 7, entre as 12 e as 13 e as 18 e as 19 horas.

Pulverização e sementeiras

Segundo um comunicado da Junta de Salvação Nacional, estão autorizados os voos com a finalidade de pulverização e sementeiras.

Os voos estavam interrompidos desde o dia 25 de Abril.

Desfile de tropas de Lanceiros 2

A INTERVENÇÃO DE LANCEIROS 2 NO MOVIMENTO

COMO é do conhecimento geral, tem sido o Regimento de Lanceiros 2 (Polícia Militar) que, desde a data da eclosão do movimento, desempenha funções de coordenação e orientação das massas populares.

Ainda que o trabalho não seja difícil, pois toda a população acata as suas directivas, esta missão exige de toda a Unidade um grande esforço que é recompensado pelas manifestações de apreço que lhes são tributadas. É pois justo que se esclareçam certos pontos, relativos à actividade desta força no dia 25 de Abril.

Falou-se algumas vezes que esta Unidade não se juntara à revolta, dera abrigo a entidades do extinto Governo e que, finalmente, se rendera. A realidade, porém, foi outra.

Desde o primeiro momento, alguns capitães e oficiais subalternos (na maioria milicianos) contactados por um oficial superior ligado ao movimento deram a sua adesão. Todavia, o ambiente não era o mais favorável à divulgação total das intenções, uma vez que faziam parte do Regimento oficiais comprometidos com o antigo regime, nomeadamente, o comandante e o major-comandante do Grupo P. M.

Assim, o oficial de Lanceiros 2 que pertencia ao Movimento viu a sua missão dificultada. Muitos oficiais não foram por isso contactados, pois poderia ser comprometida a segurança do levantamento.

Nesta ordem, quando na hora marcada foi necessário tomar decisões, surgiram problemas de difícil resolução. Havia porém a certeza de que as forças da P. M. não interfeririam, já que os elementos operacionais tinham aderido.

Os militares fiéis ao Governo deposto tentaram, por todos os meios, não só dividir o efectivo para conseguirem um comando mais fácil como também convencer os subordinados de que o pronunciamento não tinha grande significado. Estas medidas, todavia, não conseguiram modificar a posição dos oficiais, apenas dificultando a sua coordenação e demorando, por isso, a sua total participação no movimento.

Entretanto, altas individualidades do antigo regime, por saberem que naquela unidade se encontrava gente da sua confiança, aí procuraram refúgio. O efectivo do Regimento apercebeu-se, então, plenamente dos objectivos dos referidos oficiais que com evasivas e ordens desencontradas procuravam deter a evolução dos acontecimentos. Então, os restantes oficiais exigiram a imediata retirada das individualidades e a adesão (ou abandono) do comandante e do major.

Assim, antes que a tensão aumentasse e não se sentindo seguros, os ex-ministros preferiram partir a ser detidos (o almirante Américo Thomaz não se encontrava entre eles). Deste modo, perante a crescente pressão de todo o efectivo da unidade que desejava ardentemente juntar-se ao movimento — os praças devidamente enquadrados pelos sargentos e instruídos pelos oficiais — o comandante, sem outra alternativa, decidiu pôr-se à disposição do Movimento, sendo em curto lapso de tempo substituído nas funções de comando.

Tavira adere na primeira hora

UMA série de rumores postos a circular em Tavira levaram o comandante do C. I. S. M. I. a convocar para aquele quartel uma conferência de Imprensa, onde compareceram os correspondentes de todos os jornais. Estiveram presentes o comandante, coronel António Baptista, o 2.º comandante, tenente-coronel Almeida Pires e o major Herberto Nascimento.

No uso da palavra, o comandante da unidade começou por «atacar» o que era o tema chave de toda a conferência — as dúvidas de adesão ao Movimento das Forças Aramdas do C. I. S. M. I. e dos seus oficiais. — Informou então o coronel António Baptista que aderira ao Movimento desde os primeiros minutos, tendo conferenciado com os oficiais sob o seu comando sobre o assunto. Desmentiu a seguir que tivesse proibido os militares de ouvirem estações emissoras ou verem programas de TV, acontecendo, pelo contrário, ter sido autorizado que a TV tivesse ficado aberta para além da hora habitual.

Um outro ponto focado por aquele oficial foi a ocupação, levada a cabo por sua ordem, pelo 2.º comadante, do posto da D. G. S. de Vila Real de Santo António e consequente detenção dos agentes ali em serviço e apreensão de todo o material existente, que continua no quartel, enquanto os agentes, por ordem da J. S. N., voltaram ao serviço no posto fronteiriço, integrados pela Guarda Fiscal.

Agradecendo a presença dos órgãos de Informação, o coronel Baptista terminou informando que a vida da unidade estava inteiramente normalizada, cumprindo-se, de resto todas as instruções da Junta.

A Polícia Militar, que actualmente desempenha as funções de coordenação e orientação das massas populares, desfilou na parada do quartel.

DOMINAR IMPACIÊNCIA

Da Junta de Salvação Nacional recebemos o seguinte comunicado:

A Junta de Salvação Nacional iniciou o imprescindível saneamento dos quadros e estruturas das Forças Armadas e repartições públicas, eliminando assim, tanto quanto possível, os obstáculos que possam dificultar o cumprimento integral do programa político oportunamente divulgado.

Os vícios e viciados do deposto regime, profundamente enraizados nos mais diversos sectores da vida social, moral, económica e política do País, serão progressivamente e inexoravelmente eliminados.

No entanto, o processo de depuração em curso, parte do qual a Junta de Salvação Nacional remeterá para o Governo provisório, não poderá deixar de levar algum tempo, necessário a garantir a justiça das decisões e a não abalar a continuação do funcionamento dos serviços públicos.

Assim, a Junta de Salvação Nacional apela para o espírito de colaboração de todos os servidores do Estado, solicitando-lhes que, dominando a lícita impaciência, continuem a cumprir com zelo as suas funções, agora mais do que nunca indispensável, e a respeitar as hierarquias, sem o que resultará grave prejuízo para a Nação.

Assumem funções chefes de Estados-Maiores das Forças Armadas

DECORREU anteontem, no palácio da Cova da Moura, a investidura do general Costa Gomes, nas funções de chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas. À cerimónia estiveram presentes, além do general António de Spínola os chefes dos Estados-Maiores do Exército, Armada e Aeronáutica, e ainda os comandantes da Região Militar de Lisboa, da G. N. R., P. S. P. e G. F., o director do Instituto de Altos Estudos Militares e muitos oficiais-generais.

Decorreu, também anteontem, no Ministério da Marinha o acto formal de entrada em funções do novo chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante José Baptista Pinheiro de Azevedo, também membro da Junta de Salvação Nacional.

À cerimónia, que se efectuou na Casa da Balança, presidiu o general António de Spínola que, ao usar da palavra pôs em evidência o facto de o Movimento de 25 de Abril ser efectivamente das Forças Armadas, sublinhando também a mais alta receptividade encontrada desde a primeira hora, nos jovens oficiais da Armada, aos quais compete continuar as tradições de glória da corporação que os integra.

Também o vice-almirante Pinheiro de Azevedo ao dirigir-se aos oficiais que presenciaram o acto acentuou que todos conheciam bem os princípios fundamentais inspirados do Movimento das Forças Armadas, frisando, depois, a sua firme determinação e vontade férrea de observar a permanência de tais princípios que obrigam todos os oficiais e de cuja pureza não teria o mais leve desvio e pela observação dos quais estaria sempre vigilante.

O novo chefe do Estado-Maior da Armada recebeu depois os cumprimentos da oficialidade presente.

CORPO REDACTORIAL: Rodolfo Iriarte (chefe), Daniel Ricardo (chefe-adjunto), Mário Alexandre e Cáceres Monteiro (subchefes). Afonso Serra, Almeida Martins António Carvalho, António Esperança, António dos Santos, António Vinagre, Appio Sottomayor, Calado Lopes, Diana Castro, Encarnação Viegas, F. Castro, Faria de Morais, Fernando Carneiro, Fernando Gaspar Fernando Peres Hélder Pinho, Jaime Saint-Maurice, Joana Godinho, José João Louro, José Sarabando, Manuel Batoréo Manuela Alves, Maria Catarina Maria Teresa Horta, Meira da Cunha, Pedro Vieira, Pina Cabral, Oliveira Figueiredo, Rodrigues Alves, Silva Marta, Sónia Klar Repórteres fotográficos Alberto Peixoto Fernando Ricardo, Inácio Ludgero, Joaquim Lobo, João Ribeiro Teresa Monserrat.
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e COMPOSIÇÃO: Rua Joaquim António de Aguiar, 66 — Telefs. 688125/6/7 — Telex 12386 — End. teleg.: «A CAPITAL» — IMPRESSÃO: Sociedade Nacional de Tipografia, Rua de «O Século», 41

NORMALIZADAS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

SEGUNDO comunicado da Junta de Salvação Nacional, ficam normalizadas, a partir de hoje (inclusivamente), as operações bancárias — recebimento de depósitos ou operações de crédito, embora neste último caso seja pertinente atender à necessidade de prosseguir uma política contra a alta do custo de vida.

Sendo, no entanto, imprescindível tomar medidas destinadas a impedir movimentos de carácter especulativo — fuga de capitais para o estrangeiro e anormal acumulação de fundos fora do circuito bancário —, a Junta de Salvação Nacional deliberou o seguinte:

1.º — Os pagamentos entre empresas, singulares ou colectivas serão feitos exclusivamente através de emissão de ordens de pagamento ou cheques que serão obrigatoriamente depositados para crédito em conta dos beneficiários.

2.º — As empresas continuarão a poder levantar em numerário as verbas destinadas ao pagamento de vencimentos, salários e pensões, com os requisitos estabelecidos anteriormente, mas dentro dos horários normais de funcionamento dos bancos.

3.º — Os levantamentos não poderão exceder, montante máximo de dois mil escudos por dia no que se refere a cada conta de depósito à ordem, individual ou conjunta, desde que aberta em nome de particulares.

4.º — Ficam sujeitas a autorização prévia do Banco de Portugal:

a) A venda a residentes no Continente e ilhas adjacentes de notas e moedas metálicas estrangeiras, bem como a respectiva exportação;

b) A exportação de notas com curso legal no Continente, ainda que requisitadas por viajantes e destinadas a despesas de turismo ou de viagem, quando o seu valor exceda vinte cinco mil escudos por pessoa.

5.º — Devem ser rigorosamente observadas as instruções contidas nas circulares enviadas pela Inspecção-Geral de Crédito e Seguros e pelo Banco de Portugal aos estabelecimentos bancários relativas às operações de compra e venda de moeda estrangeira e que têm sido divulgadas pela Imprensa.

700 OFICIAIS DISCUTEM
REESTRUTURAÇÃO DA MARINHA

A necessidade de desenvolver a consciencialização política dos elementos que integram a Marinha e a procura do verdadeiro sentido da disciplina nas Forças Armadas foram duas das questões amplamente debatidas na reunião de oficiais da Armada, que teve lugar no início da presente semana, na Casa da Balança, dependência do respectivo ministério. No final, a maioria dos 700 oficiais presentes aprovou uma moção de apoio ao programa do Movimento das Forças Armadas.

Moção

É o seguinte o texto da moção aprovada pelos oficiais da Armada, reunidos na Casa da Balança, no passado dia 29:

— Considerando a necessidade de mobilizar todas as vontades para o gigantesco esforço que o País espera da sua Marinha;

— Considerando a necessidade de nos mantermos unidos e coesos para levarmos a bom termo a execução da missão que nos propusemos;

— Considerando a urgência da reorganização dos quadros da Armada e da reestruturação dos serviços que conduzam a uma saudável e honesta administração das verbas públicas atribuídas à Armada;

— Considerando ainda a necessidade de salvaguardar as tradições democráticas da Marinha e os princípios do M. F. A.;

1 — Afirmam a sua intransigente vontade de não permitir desvios aos princípios formulados no programa do Movimento, observando uma constante vigilância para manter a sua pureza inicial;

2 — Recomendam uma rápida reorganização e saneamento dos quadros permanentes da Armada e posterior reestruturação dos serviços;

3 — Comprometem-se a fomentar o associativismo na Armada, na base de uma sã convivência e camaradagem, procurando estabelecer relações de solidariedade, cooperação e amizade entre si;

4 — Afirmam a observância e respeito do princípio da hierarquia, sem prejuízo do indicado no ponto um.

DELEGADOS DA J. S. N. JUNTO DE MINISTÉRIOS

A Junta de Salvação Nacional nomeou delegados junto dos Ministérios das Obras Públicas e Comunicações, das Corporações e Segurança Social e do Ultramar, respectivamente o brigadeiro Armando Girão e os drs. Cid Proença e Banha da Silva. O brigadeiro Armando José Marques Girão nasceu a 6 de Novembro de 1906, tendo concluído em 1932 o curso de Engenharia Civil, na Escola Militar. Entre outros cargos, exerceu os de subdirector do departamento de construções civis do Ministério da Marinha, de comandante da Companhia Mista de Transmissões do Batalhão de Telegrafistas. Foi professor adjunto e catedrático de Pontes e Estruturas da Escola Militar e director dos Serviços de Urbanismo e Habitação da Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações do Ministério do Ultramar. Exerceu também as funções de chefe da secção da N. A. T. O. da comissão executiva das Obras Militares Extraordinárias. Terminou o curso de Altos Comandos em 1965, ano em que foi promovido a brigadeiro.

O dr. Fernando Cid de Oliveira Proença, de 49 anos, é natural de Viseu e licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra em 1935. Foi professor do liceu de Viseu, tendo desempenhado nesta cidade e em Aveiro, as funções de subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e de agente do Ministério Público. Foi ainda subinspector do Trabalho no Porto, inspector dos organismos corporativos e inspector-chefe do Ministério das Corporações desde 1949. Ocupou os lugares de deputado à Assembleia Nacional, vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo, vogal do Conselho Superior de Previdência Social e Conselho Técnico Corporativo e director da F. N. A. T.

O dr. Leonel Banha da Silva nasceu em Braga e licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Entrou para o Ministério do Ultramar em 1957, desempenhando actualmente as funções de chefe de gabinete do secretário de Estado do Fomento Ultramarino.

EXILADOS POLÍTICOS PODEM VOLTAR

Os exilados políticos podem regressar livremente ao País, segundo um comunicado distribuído pela Junta de Salvação Nacional, que é do seguinte teor:

1.º A Junta de Salvação Nacional torna público que poderão regressar imediatamente ao País, no pleno exercício dos seus direitos de cidadãos, os exilados políticos portugueses.

2.º Esta medida, cujo alcance e significado traduz inequivocamente o desejo de realizar a harmonia e convivência pacífica de todos os portugueses, impõe a necessidade de os portugueses até agora no exílio se integrarem na vida do País, que não dispensa a sua válida contribuição para a construção de um Portugal novo, nesta hora de júbilo.

Partido Centro-Esquerda
Leva Pinto Balsemão à Cova da Moura

A formação de um partido político de centro-esquerda constituiu o motivo da visita que o dr. Pinto Balsemão, director do semanário «Expresso», efectuou, ontem à tarde, à Cova da Moura. O dr. Rogério Martins, uma delegação do Sport Lisboa e Benfica e um grupo de dirigentes da Inter-Sindical são algumas das entidades igualmente recebidas na Cova da Moura durante a jornada do 1.º de Maio, aparentemente menos movimentada que as anteriores. Uma comissão formada por José Magro, Dias Lourenço e Manuel Alpedrinha sugeriram à Junta a criação de uma Liga de Presos Políticos.

O dr. Pinto Balsemão, antigo deputado da ala liberal da Assembleia Nacional, declarou-nos que se tinha avistado com o general Spínola e outros oficiais, esperando regressar à Cova da Moura na próxima sexta-feira com mais alguns elementos do futuro agrupamento político, a fim de formalizar o novo partido.

O eng.º Rogério Martins manteve contactos com o general António de Spínola, e outros membros afectos à Junta. Deixou o Palácio cerca das 19 e 15 não nos tendo revelado o conteúdo das conversações efectuadas.

Durante a manhã de ontem, para além da visita de cortesia de uma representação do Sport Lisboa e Benfica, chefiada pelo dr. Borges Coutinho, foram recebidos dirigentes da Inter-Sindical que ali se deslocaram para tratar da situação da F. N. A. T. em relação às classes trabalhadoras.

A Junta acolheu ainda uma comissão formada por José Magro, Dias Lourenço, e pelo nosso camarada de Imprensa, Manuel Alpedrinha, que sugeriu a criação de uma Liga dos Presos Políticos a qual contribuiria para o esclarecimento das actividades da extinta D. G. S.

Entretanto, enquanto no interior do «quartel general» da Junta se mantinha uma actividade incessante, os «manifestantes motorizados», com passagem obrigatória através da Avenida Infante Santo, saudavam ruidosamente os militares que patrulhavam a área. Pequenos grupos também se manifestaram no local, designadamente algumas dezenas de ciganos, na maioria mulheres de todas as idades. Sempre que algum dos membros da Junta chegava ou partia crescia o entusiasmo das numerosas pessoas aglomeradas em redor dos acessos à Cova da Moura.

Demonstrar que estamos preparados

A reunião com os membros directivos dos Sindicatos inicialmente convocada para as 19 e 30, de anteontem, só viria a efectuar-se meia hora depois, no anfiteatro do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional, dada a exígua dimensão das salas do palácio da Cova da Moura para as necessidades impostas pelo elevado número de participantes.

Ao usar da palavra o general António de Spínola, após agradecer as contínuas manifestações de apoio e solidariedade com os objectivos das Forças Armadas, salientou que «temos de acabar com o mito de que o País não está preparado para viver na autêntica democracia», acrecsentando:

— Temos de demonstrar que estávamos e estamos preparados para sermos governados num clima de autêntica liberdade.

O general António de Spínola sublinhou a seguir a necessidade do País começar a consciencializar-se e aludindo, depois, a alguns atropelos verificados nos últimos dias, focou a inconveniência dos mesmos, pois seria «francamente doloroso para a Junta de Salvação Nacional se tivesse que exercer qualquer acto de força», afirmando quase a terminar:

— Para dar expressão à sua liberdade não se pode coartar a liberdade dos outros.

J. S. N. AGRADECE OFERTAS DE APOIO

Da Junta de Salvação Nacional recebemos os seguintes comunicados:

«Torna-se impossível dar uma pálida ideia à Nação Portuguesa do número e extensão de telegramas, ofícios e telefonemas que têm chegado à J. S. N., expressando o seu entusiástico apoio às Forças Armadas Portuguesas.

Tal facto traduz a ideia de que toda a Nação está em plena comunhão de ideias com a J. S. N.

Tornando-se impossível agradecer individualmente a todos quantos têm demonstrado tão exuberante afirmação de patriotismo, a J. S. N. manifesta por este meio o seu mais sincero reconhecimento.»

Ofertas à J. S. N.

«A Junta de Salvação Nacional tem recebido inúmeras ofertas individuais e colectivas, de colaboração nos mais diversos domínios. Na impossibilidade de o fazer directamente, a Junta de Salvação Nacional agradece publicamente à todos quantos têm por esta forma demonstrado o seu patriotismo, e na medida em que for necessário estabelecer contactos para aceitação dessas ofertas.»

1.º DE MAIO EM LISBOA

O povo de Lisboa deu ontem ao mundo inteiro uma lição de civismo e de maturidade política que até os mais optimistas seriam incapazes de admitir há oito dias apenas. Colocando cravos nas lapelas dos polícias que ainda há uma semana integravam o aparelho repressivo, o povo, representado por uma multidão que se calcula em mais de seiscentas mil pessoas, veio para a rua vitoriar, alegre e ordeiramente, a libertação e a festa universal do 1.º de Maio, Dia do Trabalhador. Torna-se impossível descrever com objectividade o que se passou ontem a partir das 14 horas, num raio de dois quilómetros à volta da Alameda D. Afonso Henriques, porque nada é mais difícil de traduzir do que os estados de alma. Era um povo que pela primeira vez, na noite de meio século de opressão, podia manifestar livremente as suas opiniões. O teste ficou feito. A liberdade não é incompatível com o civismo, porque este é filho daquela.

«O povo unido jamais será vencido» foi o grito que dominou a manifestação

DEPOIS das 13 horas já a Alameda de D. Afonso Henriques se encontrava apinhada de pessoas ostentando milhares de bandeiras nacionais, cartazes vitoriando o Movimento das Forças Armadas, a classe operária, o general Spínola e toda a Junta de Salvação Nacional, os soldados das três armas, etc. Viam-se também muitas bandeiras dos agrupamentos políticos que até agora viviam na clandestinidade, tais como o Partido Comunista Português, Partido Socialista, Frente Popular de Libertação Nacional, Frente Libertária Portuguesa, Movimento Libertário Português, Movimento Democrático Português, C. D. E. de Lisboa e outros.

Mas a grande massa de estandartes e cartazes pertencia aos sindicatos e a grupos de trabalhadores que corresponderam ao apelo dos 23 sindicatos livres que promoveram a festa. Entre os cartazes podia ler-se um dos camponeses de Alpiarça, que exigia a transformação das Casas do Povo em Sindicatos. Outro afirmava que em Angola ainda há seis mil patriotas presos. A Previdência para os trabalhadores, o julgamento dos crimes públicos, com todas as garantias de defesa, em tribunais comuns e com juizes independentes, era outra reivindicação patenteada noutro cartaz. Torna-se materialmente impossível reproduzir aqui todos os dísticos que desfilaram da Alameda pela Almirante Reis, pela Estados Unidos da América e pela Rio de Janeiro, para chegarem ao Estádio 1.º de Maio,

SINDICATO NACIONAL DOS ESTIVADORES DO DISTRITO E PORTO DE LISBOA

COMUNICADO

Tomou hoje posse, dia 30 de Abril de 1974, a comissão directiva provisória, eleita para substituir a direcção imposta pelo Governo fascista, deposta e expulsa pelos trabalhadores na manhã do dia 26 de Abril, da sua Casa do Conto, sita na Av. Infante D. Henrique.

A comissão eleita apresenta em nome de todos os estivadores calorosas felicitações pelo heróico feito e encontra-se total e completamente solidária com a Junta de Salvação Nacional.

Viva o Movimento das Forças Armadas.

Viva a Liberdade.

Viva Portugal.

Ferreira de Castro, José Gomes Ferreira e Alexandre Babo, da Sociedade Portuguesa de Escritores, dão largas à sua alegria, juntando-se ao povo, na rua

PORTUGUESES PASSAM NO TESTE

designação que o povo, generosamente, lhe deu ainda ontem.

Duas horas de desfile

O cortejo pôs-se em marcha cerca das 15 horas, emoldurado em todo o percurso por dezenas de milhares de pessoas que se encontravam às janelas, engalanadas com colchas, colgaduras e bandeiras nacionais, e que lançavam pétalas de flores, símbolo da pacificação que realmente se deseja para os portugueses. Nos passeios, ao longo de todo o percurso, centenas de milhares de pessoas aplaudiam os manifestantes e associavam-se espontaneamente aos seus gritos de vitória.

Já passava das 17 horas quando os elementos que constituíam a cauda do cortejo entraram no estádio, onde, então, já se iniciara o comício.

Crianças, canções e flores

CONTRASTANDO com o clima de tensão que caracterizava as manifestações autorizadas pelo anterior regime, esta inesquecível jornada do 1.º de Maio ficou especialmente marcada por três elementos que, cinco dias apenas após o triunfo do Movimento das Forças Armadas, inundaram as ruas de Lisboa, numa atmosfera de paz que levou um jornalista espanhol a escrever para o seu jornal que estava na Suíça. Esses três elementos foram as crianças, as canções e as flores. Com efeito, o clima de tranquilidade que se respira em todo o País levou milhares de famílias a não terem o mínimo receio de se incorporarem na manifestação com os próprios filhos, muitos deles com quatro e cinco anos. Depois foram as canções do folclore português, a que a fértil imaginação popular deu letras alusivas ao momento histórico que estamos a viver. Entre estas canções destacou-se «Grândola, vila morena», «O bailinho da Madeira» e «Canta, camarada, canta».

Depois foram as flores. Pode dizer-se que foi um verdadeiro festival dos cravos. Os soldados tinham-nos nos coldres, nos bolsos das camisas, nos pára-brisas das viaturas. Não conseguimos descobrir um polícia a quem a população não tivesse colocado um cravo vermelho na botoeira do casaco.

O cortejo abria com os estandartes e dísticos dos sindicatos organizadores. Logo atrás, protegidos por um cordão de manifestantes marinheiros, seguiam os representantes do Movimento Democrático Português, entre os quais Álvaro Cunhal, Mário Soares, Pereira de Moura, Dias Lourenço, José Tengarrinha, Tito Morais, Marcelo Curto, Ramos da Costa e outros.

Nem um incidente

O policiamento do cortejo e comício foi praticamente inexistente, uma vez que foi assegurado pelos próprios manifestantes, entre os quais havia muitos marinheiros e soldados. Não obstante, de acordo com informações colhidas junto dos serviços de segurança das Forças Armadas e dos agentes da P.S.P. que regulava o trânsito, não se registou qualquer incidente, quer entre os manifestantes, entre si, quer com os agentes da autoridade.

A prova disto é que o cirurgião de serviço no Hospital de S. José informou, ontem à noite, que fora um dos dias mais calmos, isto é, com menos feridos, a que assistira no serviço de urgência daquele hospital.

Euforia até de madrugada

ENTRETANTO, após o comício, a festa prosseguiu em toda a cidade, com dezenas de manifestações a desfilarem ordeiramente por toda a parte, e com milhares de automóveis a buzinarem em sinal de regozijo.

Por determinação da Junta de Salvação Nacional não foram pagas portagens nas pontes de 25 de Abril e de Vila Franca, nem da auto-estrada do Norte.

Estádio 1.º de Maio

EM ondas de cor e alegria, a massa imensa dos trabalhdores começou a entrar no Estádio 1.º de Maio (ontem baptizado) cerca das 16 horas. Empunhando bandeiras e cartazes, centenas de milhares de cidadãos comprimiram-se nas arquibancadas e no campo de jogos, tomadas do mesmo entusiasmo indescritível que as fizera sulcar as ruas de Lisboa, vitoriando a libertação. Jornalistas estrangeiros com quem trocámos impressões foram unânimes em considerar este 1.º de Maio de 1974, em Lisboa, uma das mais válidas manifestações de solidariedade trabalhadora jamais vistas.

Voluntários da Comissão Intersindical mantinham-se à entrada, com o fim exclusivo de evitar possíveis atropelos à chegada dos manifestantes. Duas ou três dezenas de marinheiros (sem armas e com uma grande alegria) encarregavam-se de pedir à multidão que deixasse um corredor em frente da tribuna. E o «milagre» não foi milagre porque foi obra do povo: as celebrações do 1.º de Maio de 1974 foi a mais grandiosa manifestação de civismo do povo portugês desde há 50 anos para cá.

Quem estava na tribuna pôde ver o espectáculo das massas humanas avançando em leque no Estádio, abrindo duas alas, desenhando espontaneamente um grande «V» sobre as

(Continua na página 12)

Álvaro Cunhal, Mário Soares e Urbano Tavares Rodrigues correspondem às aclamações populares

ESCLARECIMENTO

JOÃO DA ROSA GÓIS e sua mulher, BEATRIZ ODETE ALVES DA SILVA GÓIS, proprietários das CASAS GÓIS, na Pontinha, vêm por este meio desmentir os boatos postos a circular na Pontinha, segundo os quais tinham sido presos por serem informadores da PIDE/ /DGS.

JOÃO DA ROSA GÓIS e sua mulher, BEATRIZ ODETE ALVES DA SILVA GÓIS, nunca estiveram presos, jamais pertenceram a tais organizações políticas.

Pontinha, 2 de Maio de 1974.

João da Rosa Góis
Beatriz Odete Alves da Silva Góis

COMUNICADO

TINOCO, LDA., e INSTITUTO ORTOPÉDICO DE PORTUGAL,

gerência de:

RUY FERNANDES TINOCO
RUI MANUEL DA CRUZ TINOCO

comunicam nada ter de comum com o inspector da extinta PIDE/ /DGS, de nome TINOCO.

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

AVISO AO PÚBLICO

A EMPRESA PÚBLICA «CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL» INFORMA QUE SE ENCONTRA SUSPENSA, TEMPORARIAMENTE, A ACEITAÇÃO DE VALORES DECLARADOS (CARTAS, CAIXAS E ENCOMENDAS POSTAIS) DESTINADOS A PAÍSES ESTRANGEIROS.

PORTO NA RUA REÚNE UM MILHÃO

SÓ a expressão «loucura» será capaz de classificar com acerto de realidade e grandeza a manifestação de que ontem, a meio da tarde, a cidade do Porto foi palco. Centenas de milhares de pessoas vieram em delírio festejar um acontecimento único de há 50 anos para cá. Há mesmo quem, habituado a calcular multidões em outros países, admita que esse número tenha atingido o milhão.

O Porto, e não só, veio para a rua. Exuberantemente, transmitiu a alegria da vitória do Movimento das Forças Armadas, que está intimamente ligada a cada um de nós. Não vale a pena folhear colecções ou vasculhar arquivos. O 1.º de Maio superou tudo e todos, deixando a maioria atónita, com um acontecimento que a actual geração chegou a admitir não ser possível nos «seus» dias.

— Chame-lhe o que quiser, na certeza de que não encontrará palavras para tudo isto. Só o povo unido, seria capaz daquilo que, aos nossos olhos se vislumbra. Só uma coisa destas pode compensar um pouco do sofrimento que milhares de portugueses como eu, foram vítimas do regime fascista, mas que eu sabia que um dia seria derrubado — disse, no decorrer da manifestação, Ângelo Veloso, membro do Comité Central do PCP que esteve preso no forte de Peniche. Gente que não se conhecia abraçava-se. Velhos eram beijados por jovens. Bandeiras dos vários partidos ou ideologias agitavam-se. Os dísticos, aos milhares, proporcionavam um colorido único. Toda a gente aderiu. Todos souberam cumprir o seu dever. De madrugada confirmaram-nos do quartel-general daquela cidade, que nem o mais pequeno caso se verificou.

De onde veio tanta gente? Da cidade, mas também do campo. Os concelhos limítrofes acorreram às catadupas e ao longo do vasto recinto, que tinha o edifício da Câmara Municipal como guarda-costas e se prolongava pela Praça do Município, Avenida dos Aliados e Praça da Liberdade, para ainda se estender pelas Ruas Sampaio Bruno, Sá da Bandeira e Clérigos.

— Se a Senhora de Fátima fosse invejosa, de certeza que hoje zangava-se com o Porto — foi com este desabafo que um elemento da Comissão Democrática daquela cidade exprimiu toda a sua alegria e satisfação.

Gente de mãos dadas organiza manifestação

MANHÃ cedo, já as ruas citadinas impressionavam pelo movimento que registavam. Operários, trabalhadores, estudantes e intelectuais, dando as mãos, iam chegando, enquanto que sindicalistas chamavam a si as tarefas da organização.

Um improvisado palco havia sido instalado sobre uma camioneta, tendo por fundo a Câmara. Às 15 horas, um mar de gente inundava todos os recantos. Calculavam-se, então, em mais de 300 mil as pessoas que, cantando «Grândola vila morena» ou «O povo unido jamais será vencido», se iam comprimindo, tentando deixar um pouco de espaço para as multidões que surgiam de todos os lados. Marcada para as 16 horas, a sessão só principiou uma hora depois porque faltavam três dos oradores, que tiveram dificuldade em atravessar a imensa mole de gente ali aglomerada.

Os cartazes que a multidão empunhava mudaram por completo o cenário do Porto. Democratas, socialistas ou comunistas, diziam «sim» ao Movimento das Forças Armadas. Uma grande ovação, estrondosa, ouviu-se quando um numeroso grupo da Afurada, do concelho de Vila Nova de Gaia, alguns milhares de pessoas, rompeu perante a multidão. À frente, um enorme dístico dizia: «Aqui vai a Afurada. Tenreiro é o ladrão dos pescadores.» Um busto daquele almirante, transportado sobre uma caixa de sardinhas, foi a primeira nota a servir de gáudio. No capítulo de exigências, foi mais longe aquela gente, na maioria marítima, ao pedir «Morte para a PIDE».

Outros dísticos referiam «Morte para quem nos mata», «Jornalistas querem servir o povo», «Todos unidos pelas 40 horas de trabalho», «Fim da guerra colonial», etc.

Também Miragaia estava ali como igualmente o faziam Matosinhos, Gondomar, Rio Tinto, Maia, Valongo, Carvalhos e muitas outras localidades vizinhas. Uma fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Coimbrões executava alguns trechos musicais enquanto ao longo do grande espaço a organização, em colaboração com a Cruz Vermelha Portuguesa, havia procedido à montagem de três postos de socorros, onde cerca de meia centena de médicos e enfermeiros, estavam prontos para qualquer ocorrência que felizmente não chegaria a verificar-se. Também mais de 500 rapazes e raparigas de braçadeira no braço, mantinham-se vigilantes para qualquer hipótese de provocação.

Já passava das 17 horas quando Horácio Guimarães, disse que a sessão ia começar. Referiu então a presença ali, de Ângelo Veloso, apresentando-o como uma das vítimas portuguesas do fascismo, que havia sido libertado pelo Movimento das Forças Armadas. Este elemento do Partido Comunista Português, usando da palavra, manifestou então ali a sua satisfação e a «certeza de que a luta continuará até que o aparelho fascista seja desmantelado em total».

Construir Ministério do Trabalho

O primeiro orador a fazer-se ouvir foi o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, o operário Ângelo Ferreira, que afirmou: «O governo fascista de Salazar/Caetano, com o objectivo de amordaçar a nossa voz de trabalhadores construiu um aparelho a que chamou Estado Corporativo. Diziam eles que queriam conciliar o trabalho e o capital. Mas nós vimos na prática o que é que eles queriam: queriam pôr-nos ao serviço da sua política de submissão aos monopólios! Queriam que da nossa parte não houvesse problemas à política de exploração do grande patronato.»

E depois:

«Nós, trabalhadores, conhecemos bem essa máquina repressiva: são os sindicatos amordaçados por toda uma legislação anti-sindical, impedidos de se desenvolverem livremente; são as comissões arbitrais dos Tribunais de Trabalho, onde íamos perder o nosso tempo, o nosso dinheiro e as nossas causas.»

Prosseguiu:

«Camaradas: Não podemos estar à espera que esse aparelho se desfaça por si. A nós trabalhadores compete-nos de imediato exercer os nossos direitos e começar desde já a construção de um aparelho que se substitua ao aparelho fascista. Temos de construir um Ministério do Trabalho, que sirva os nossos interesses de trabalhadores. Esse é o caminho da luta. Muitos dos nossos camaradas foram aos sindicatos dominados por direcções fascistas e substituíram-nos por direcções da sua confiança. Os nossos companheiros das direcções representativas dos Sindicatos de Lisboa ocuparam o Ministério das Corporações, nomearam uma comissão organizadora e elegeram o ministro do Trabalho que é o nosso camarada, Canais Rocha! Este é o nosso caminho! Somos nós, os trabalhadores, quem vai organizar aquilo que nos diz respeito.»

Horácio Guimarães, do Movimento Democrático do Porto, foi o orador seguinte. Deteve-se numa análise ao actual momento, com o qual se congratulou. Aludiu aos quase 50 anos de fascismo, concluindo por afirmar: «As Forças Armadas deram-nos a liberdade. É necessário defender essa mesma liberdade, julgando os criminosos da PIDE e os tiranos do Povo.» Seguiu-se no uso da palavra o membro do PCP, Ângelo Veloso, que com entusiasmo referiu:

«Muitas pessoas perguntam: como foi isto possível?

Nós respondemos: porque a luta dos trabalhadores e dos democratas se manteve viva e insistente, mesmo nos piores momentos, durante 48 anos de fascismo, apesar da repressão e da tirania.

Foi esta luta, foi a luta dos povos coloniais, quem enfraqueceu e desagregou o regime ao ponto de ser possível, em 25 de Abril, derrubar o governo quase sem tiros, quase sem sangue.

A pujança da luta popular e as dificuldades crescentes do fascismo perante a guerra colonial criaram as condições para que surgisse o Movimento das Forças Armadas, enraizado no Povo, sentindo com o seu Povo, identificado com os objectivos mais profundos do Povo português.

Em 25 de Abril, o Movimento das Forças Armadas deu expressão à vontade do Povo manifestada em anos e anos de luta persistente, corajosa, firme e indomável!

Nestes últimos seis dias, o entusiasmo, a confiança, a lucidez política dos trabalhadores e das massas populares aparecem por toda a parte como um factor decisivo no derrubamento do fascismo e na conquista da Liberdade, da Paz e de um Portugal democrático e independente.»

Prosseguiu Ângelo Veloso:

«O fascismo foi derrubado! — mas não estão ainda liquidadas as forças reaccionárias. Existem muitos perigos, podem surgir ainda tentativas reaccionárias.

É decisivo que saibamos o que importa fazer para impedir qualquer retrocesso no desenvolvimento do processo democrático de Portugal. Está nas nossas mãos travar manobras reaccionárias, levar mais longe a democratização da vida política portuguesa.

É urgente consolidar e alargar a unidade das forças democráticas e populares. Mas é também urgente, decisivo, tornar cada vez mais sólida e firme e forte a unidade do movimento democrático e popular com o Movimento das Forças Armadas.

O Governo Provisório deve ser a expressão desta unidade. Nele devem participar todas as forças e sectores políticos democráticos e liberais. Nós, os comunistas, estamos prontos a assumir as nossas responsabilidades no Governo Provisório. Ontem, em Lisboa, à chegada de Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, ficou claramente demonstrado como é um profundo anseio dos trabalhadores e do Povo que o Partido Comunista faça parte do Governo Provisório.

Não pode ser livre um povo que oprime outros povos.

A guerra colonial é hoje profundamente impopular. É urgente pôr-lhe rapidamente fim. É urgente abrir negociações na base do reconhecimento do direito à autodeterminação e à completa independência dos povos das colónias portuguesas.»

«Exploração descarada»

DEPOIS de Abílio Samagaio, da Federação das Colectividades de Recreio, ter, em breves palavras, referido o actual problema das rendas de casa, e de por um operário ter sido lido um telegrama de júbilo enviado de França pela União dos Trabalhadores daquele país, o dr. José Luís Nunes, falando em nome do Partido Socialista Português, do qual é membro, aludiu ao actual momento: aos crimes cometidos pela PIDE-DGS ao longo das últimas décadas, manifestando ainda a sua satisfação pelas presenças no nosso País, de Mário Soares e Álvaro Cunhal.

Recordou os nomes de Bento Gonçalves e Carlos Cal Brandão, pedindo para que seja investigada a morte de Humberto Delgado e que o seu corpo seja transferido para o nosso País onde «tem direito a funerais nacionais».

O operário têxtil Celso Ferreira, começou por aludir ao facto de o 1.º de Maio de 1974 ser um marco histórico na luta dos trabalhadores em Portugal por condições de vida e de liberdade política. Seguidamente disse: «Os operários da indústria têxtil querem saudar o Movimento das Forças Armadas e todos os movimentos oposicionistas, nomeadamente o Partido do Operariado, que há mais de meio século incita contra a exploração do homem pelo homem,

Funcionários do Ministério do Ultramar

SECUNDANDO a iniciativa tomada noutros departamentos públicos, um grupo de funcionários do Ministério do Ultramar reuniu-se naquele departamento, tendo-se constituído em comissão «ad hoc» com vista à convocação de uma reunião plenária para ser considerada a sua participação no Sindicato dos Funcionários Públicos a constituir.

O local, dia e hora da reunião serão anunciados oportunamente.

Nova Direcção da Faculdade de Letras do Porto

O delegado da Junta de Salvação Nacional junto do Ministério da Educação Nacional, dr. Alberto Machado, designou para assumir a direcção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o dr. Óscar Lopes, professor do estágio pedagógico da licenciatura do ramo educacional da mesma Faculdade. O dr. Óscar Lopes assumiu já o exercício das suas funções.

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1895 — Nasceu em Lisboa o padre José da Costa Pio, que foi coadjutor da freguesia de S. Jorge de Arroios, O padre Pio, erudita autoridade em Direito Canónico e Filosofia cristã, tornou-se notável pelos seus dotes de caridade e pelo seu espírito democrático e social

A CAPITAL

«O Couraçado Potemkine» esta noite no Império

ESTREIA-SE esta noite no Cinema Império o famoso filme «O Couraçado Potemkine», de Sergei Einstein, quase de 50 anos após a sua realização. «O Couraçado Potemkine», que até agora, no nosso País, sempre esteve afastado do circuito comercial, é considerado pela generalidade dos críticos uma das obras-primas da história do cinema.

e, nestes anos de guerra colonial, manteve o seu esforço de consciencialização do País.

«Nós, trabalhadores, não esquecemos que somos vítimas duma exploração descarada, em que o povo recebe 36 por cento do Produto Nacional Bruto, daquilo que produz, enquanto o capitalismo recebe 64 por cento.»

A eng.ª Virgínia Moura foi recebida pelos presentes, exclamando «Spínola» e «Forças Armadas» ou ainda entoando «O povo unido jamais será vencido». Não escondendo a emoção que está a viver, ela que conta no seuactivo 16 prisões políticas (igual número das sofridas pelo seu marido, arquitecto Lobão Vital, hoje semiparalítico, como consequência). Depois de saudar o Movimento das Forças Armadas afirmou que «os corajosos militares souberam ser dignos da sua Pátria e das valiosa contribuição para a queda do fascismo em Portugal. Para o povo do Porto que fez o histórico comício da Fonte da Moura, quando reinava a mais feroz repressão salazarista — povo barbaramente espancado quando da candidatura do prof. dr. Rui Luís Gomes.»

E adiante:

«Não queria esquecer o dirigente operário — então secretário do Partido Comunista Português — morto no campo de concentração do Tarrafal, Bento Gonçalves. Morte de inteira responsabilidade do fascismo, bem como a de dezenas dos seus companheiros. Cabe aqui recordar Guilherme da Costa Carvalho e, em Humberto Delgado, todos os cobardes asssinatos.»

«Neste 1.º de Maio, jornada de festa pelo derrube do fascismo e consolidação pelas importantes vitórias democráticas já alcançadas, nós, estudantes democratas, saudamos em primeiro lugar a classe operária e todos os trabalhadores pelo papel de vaguarda que sempre tiveram ao longo destes negros 50 anos de ditadura.» Foi com estas palavras que o estudante Pina de Moura iniciou a sua intervenção, para mais adiante afirmar, depois de manifestar o seu reconhecimento ao Movimento das Forças Armadas:

«As medidas já tomadas nestes dias no caminho da gestão democrática das escolas por professores e alunos eleitos; o regresso dos professores exilados — e lembramos aqui o nosso querido amigo prof. Rui Luís Gomes, que depois de amanhã chega a Portugal —, a reintegração dos estudantes suspensos e expulsos, são as primeiras medidas que com todas as transformações sociais e económicas que se seguirão há-de permitir transformar a bandeira da luta, que os estudantes e trabalhadores as vem propondo encetar.»

Extinguir sem apagar

FOI simples a intervenção de um oficial miliciano que entretanto se aproximou dos microfones. Foi, no entanto, a certeza, a que maior ovação levou, durante alguns minutos, das centenas de milhares de pessoas presentes. Afirmou aquele elemento das Forças Armadas: «Nós, militares, saímos do povo. Esse mesmo povo que esteve connosco a 25 de Abril. Continuaremos ao lado do povo. Viva o povo.»

O dr. Cassiano Abreu Lima, figura de trabalhador intelectual que nas últimas eleições fez parte da lista oposicionista, como, aliás, alguns dos oradores que o antecederam, foi o orador seguinte, para referir:

«É importante para nós, trabalhadores manuais e intelectuais, encararmos o dia de hoje não como um epílogo, um fecho, mas antes como aquilo que ele verdadeiramente é: o início de uma nova era em que, finalmente libertos da tenebrosa opressão fascistas, construiremos, finalmente, nós próprios, o nosso futuro, assumindo toda a responsabilidade da tarefa histórirca que nos incumbe. É importante que todos nós nos demos bem conta de que a aniquilação do fascismo ainda não está consumada e que é necessário extirpá-lo, extingui-lo onde quer que ele se encontre e com todas as suas formas. É importante, porém, que não apaguemos da nossa consciência a sua memória para que atentos, denunciemos à nascença toda a tentativa de reorganização, de reequipamento das forças.»

O penúltimo orador foi José Carlos Almeida, que no passado dia 21 havia sido preso pelo PIDE/DGS nas imediações do Porto, onde há oito anos vivia na clandestinidade.

«Na clandestinidade mais dura, debaixo de feroz perseguição dos assassinos da PIDE, no fundo dos cárceres, o Partido Comunista Português esteve sempre à frente da luta da classe operária e do povo português», afirmou ao começar, para logo a seguir dizer:

«Hoje, hora da vitória para o nosso povo, nesta mesma praça onde o povo do Porto viveu gloriosas jornadas de combate com milhares de trabalhadores enfrentando as forças repressivas, é com alegria e comoção que a voz do partido se dirige livremente a todos vós.»

«Companheiros: a vitória do Movimento das Forças Armadas é o prolongamento da luta do nosso povo. A vitória militar do Movimento das Forças Armadas e da sua Junta de Libertação Nacional, marcará — tudo devemos fazer para que marque —, o início de uma caminhada comum, sinsamos nós a responsabilidade daqueles que caíram pelo caminho sem se vergar.»

Por fim, falou o representante do Sindicato dos Bancários, Avelino Pacheco, que aludiu à actual situação. Saudou as Forças Armadas e distinguiu os católicos progressistas. Pediu a destruição do aparelho ainda existente do fascismo e a aniquilação do I. N. T. P.

Duas horas havia durado a sessão. Histórica para os vindouros e única para todos quantos na mesma tomaram parte. O povo do Porto, dando lição do alto momento patriótico, disse presente às Forças Armadas e correspondeu ao apelo da Junta de Salvação Nacional. A ordem imperou, talvez como nunca...

Seguidamente, iniciaram-se os sucessivos desfiles ao longo das várias artérias citadinas. Gargantas roucas e corpos extenuados, continuavam a viver o «dia maior». «Vivas» ou canções ecoavam por todos os lados. Essa situação prolongar-se-ia pela noite dentro. Já no dia de hoje, os «claxons» dos automóveis, ostentando bandeiras, mantinham o Porto acordado. A noite seguia-se ao dia. A festa continuava, agora aqui e ali, com militares no meio dos grupos, vitoriando os primeiros, os nosso melhores.

O Porto mereceu, sem dúvida, este primeiro dia do trabalhador, o seu primeiro dia de liberdade.

No decorrer da sessão realizada no Porto, o jornalista João Maia leu o seguinte documento:

«Intervenção de jornalistas do Porto nas comemorações do 1.º de Maio — Considerando que a Imprensa diária pertence a poderosos grupos económicos; considerando que os jornais, por esse facto, representam apenas a vontade e a ideologia desses grupos; considerando que a circunstância de ter sido abolida a censura não é suficiente, por si só, para garantir aos jornalistas a possibilidade duma informação completa, verdadeira e sem entraves, jornalistas do Porto alertam o povo para as limitações ainda existentes, na certeza de que lhe cabe um papel fundamental na conquista duma informação verdadeiramente ao seu serviço.»

Um mar de gente que inundou o percurso durante mais de duas horas

SECTORES PROFISSIONAIS APOIAM JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

INDETERMINÁVEL número de telegramas de apoio e de saudação têm sido dirigidos à Junta de Salvação Nacional, num eloquente testemunho de adesão das camadas populares ao Movimento das Forças Armadas do dia 25 de Abril.

De entre as mensagens chegadas à Cova da Moura, na que foi enviada pelos empregados do Banco de Fomento Nacional, lê-se que aqueles «entendem que mesmo banco com capital pertença do Estado, tem sido posto integralmente serviço político antigo regime que já se concluiu não servir interesses nacionais».

E ainda:

«Consideram necessária remoção causas impeditivas realização seus objectivos, designadamente através eliminação ligações antigo regime e imediata demissão responsáveis, nomeadamente representantes Governo anterior.»

Diz-se também no texto do telegrama que os empregados daquele estabelecimento bancário «esperam redefinição e objectivos do Banco, com participação activa seus trabalhadores».

Também os toureiros portugueses através do respectivo Sindicato, associando-se à alegria e regozijo de todos os portugueses», expressam o voto de que «o povo português compreenda e assimile em toda a sua extensa dimensão, a incomensurável grandiosidade dos benefícios conseguidos, compensando o vosso esforço e abnegado heroísmo pela forma mais eficiente e adequada à actual conjuntura e que consiste no maior civismo, numa total disciplina e na aceitação das vossas directrizes de forma a não causar perturbações à tranquilidade necessária do desempenho da árdua tarefa imposta aos salvadores da Pátria.»

Por seu turno, no telegrama enviado, os corpos gerentes do Grémio Regional da Indústria de Vestuário do Sul ofereceu também «franca e leal colaboração com a Junta de Salvação Nacional em tudo o que possa ser útil para desenvolvimento e prestígio da nossa Pátria».

Por outro lado, o presidente da Corporação da Lavoura, tomando idêntica atitude, solicita audiência «para serem fornecidas instruções sobre as directrizes a seguir quanto à condução dos problemas que interessam à Lavoura».

Entre as entidades que também enviaram telegramas de adesão aos princípios proclamados pela Junta de Salvação Nacional, salientamos a Liga dos Combatentes, Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas, Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Carnes do Distrito de Lisboa, Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Lisboa, Grémio Nacional da Imprensa Não Diária, Câmara dos Despachantes Oficiais, Grémio dos Industriais de Panificação de Évora, Associação dos Moradores de Santo António dos Cavaleiros, Sindicato Nacional dos Guias e Intérpretes de Portugal, Corporação da Pesca e Conservas, Grémio do Comércio do Barreiro e Moita, Federação Portuguesa de Cinema de Amadores, Amélia Rey Colaço e Mariana Rey Monteiro, empresárias da companhia concessionária do Teatro Nacional de D. Maria II e a Sociedade Nacional de Belas Artes, professores, assistentes e médicos-técnicos da Faculdade de Medicina de Lisboa, Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras públicas do Sul, professores do Liceu Padre António Vieira, Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Cerâmica e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto, e Câmara Municipal da Maia, e Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem dos distritos de Coimbra, Castelo Branco, Guarda, Leiria e Viseu.

MÁRIO SOARES EM LONDRES

LONDRES, 2 (R.) — O dr. Mário Soares, «leader» socialista português, deverá chegar hoje a Londres para conversações com ministros do Gabinete trabalhista inglês a respeito do futuro das relações anglo-portuguesas depois do pronunciamento militar de 25 de Abril e da tomada do Poder por uma Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spínola.

O Partido Socialista português tem o forte apoio do Partido Trabalhista britânico, sendo por convite dos trabalhistas que o dr. Mário Soares se desloca à Inglaterra.

Aguarda-se que o dirigente socialista português entabule conversações com o primeiro-ministro, Harold Wilson, e com o ministro dos Estrangeiros, James Callaghan.

Callaghan disse ao Parlamento a noite passada que o novo regime em Portugal parece ter o «controlo efectivo tanto em Portugal metropolitano como nos territórios ultramarinos».

O chefe do Foreign Office acrescentou que o Governo inglês espera tomar em breve uma decisão quanto ao reconhecimento do novo regime português.

O Partido Trabalhista inglês disse que o Partido Socialista português «dispõe de boas perspectivas e que deverá ocupar uma posição forte que assegure boas relações e aumento de cooperação entre um Portugal democrático e as democracias da Europa Ocidental».

Comunicado de exilados em Paris

PARIS, 2 (F. P.) — Por ocasião do 1.º de Maio, vários cidadãos portugueses exilados em França publicaram em Paris um comunicado saudando «com emoção os trabalhadores, os democratas, o povo português e o Movimento das Forças Armadas que, no decorrer das grandiosas manifestações do 1.º de Maio, acabam de dar provas de um elevado nível de combatividade e de unidade, que são as garantias seguras do rápido aprofundar do processo democrático».

Os signatários fazem notar, seguidamente, como «facto de grande significado», o novo papel dos militares e afirmam que a aliança política entre o Movimento das Forças Armadas, o Movimento Democrático e o Povo Português «pode forjar uma força poderosa que destruirá qualquer tentativa ou manobra contra-revolucionária e que conduzirá, invencivelmente, a um Portugal democrático, independente e pacífico».

O comunicado felicita o Exército pela adopção das primeiras medidas democráticas e deseja a construção de um Estado autenticamente democrático que «substituirá as estruturas, organizações e indivíduos ao serviço do fascismo».

A propósito das colónias africanas, os signatários do documento pronunciam-se pela abertura imediata de negociações com os movimentos de libertação «na base do reconhecimento do direito dos povos à independência».

Assinam o comunicado: João Alpiarça, cientista (Física); prof. Joaquim Barradas de Carvalho, historiador, investigador no C. N. R. S.; Vítor Carvalho, técnico de Informática; Celestino de Castro, arquitecto; Silas Cerqueira, investigador de Ciências Políticas; Luís Cília, cantor; Virgílio Fernandes, economista; prof. Vasco de Magalhães Vilhena, doutor em Letras; António Marques dos Santos, funcionário internacional; Maria Helena Neves, socióloga, assistente no I. R. F. E. D.; dr. Mário Pádua, médico biologista; dr. Palma Féria, secretário de edição; Jorge Reis, escritor; Tomás Rato, comerciante; dr. Carlos Plácido de Sousa, médico biologista; V. Sousa, antigo major do Exército Português.

Mais quatro países reconhecem Junta

O Uruguai, São Salvador, Chile e Costa Rica reconheceram a Junta de Salvação Nacional, enquanto o Governo britânico se prepara para proceder da mesma forma, segundo indicam de Whitehall.

Sociais-democratas alemães congratulam-se com libertação

BONN, 2 (F. P.) — Reunido anteontem nesta capital, o directório do Partido Social-Democrata (S. P. D.), de que o chanceler Willy Brandt é presidente, congratulou-se com a evolução da situação em Portugal.

Numa declaração publicada no final da reunião, manifestou a esperança de que o processo de «libertação interna» conduza a um «fortalecimento mútuo» das relações de Portugal com a Aliança Atlântica e com os seus membros.

As relações económicas — acrescenta a declaração — deverão igualmente ser desenvolvidas.

DESMENTIDO

JOÃO MARTINS SIMÕES, o conhecido «JOÃO PADEIRO», proprietário de dois célebres restaurantes de Cascais, vem por este meio desmentir a notícia posta a circular na Imprensa, e segundo a qual teria sido preso por «ser um conhecido informador da PIDE».

João Martins Simões nunca esteve preso, jamais pertenceu a qualquer facção política e nunca prestou quaisquer serviços informativos ou de carácter político-social

Cascais, 29 de Abril de 1974

João Martins Simões

DESMENTIDO

JOSÉ FRANCISCO TIRANO, o conhecido proprietário do restaurante «O TIRANO», de Alcabideche, vem por este meio desmentir a notícia posta a circular na Imprensa e segundo a qual fora «preso por ser um conhecido informador da PIDE».

José Francisco Tirano nunca esteve preso, nunca foi político e jamais prestou quaisquer serviços informativos.

Alcabideche, 29 de Abril de 1974

José Francisco Tirano

Editores e livreiros querem participar na elaboração da Lei de Imprensa

UM grupo de editores e livreiros portugueses afirma, em texto distribuído à Imprensa, a sua disposição de participar activamente na definição do sistema legal em que a sua actividade irá desenvolver-se, nomeadamente na elaboração da nova lei de Imprensa. Exprimem, também a sua intenção de participar na liquidação da estrutura corporativa em que se encontravam enquadrados, de colaborar na criação de uma cultura progressista e de massas para todo o Povo Português e pedem a todos os colegas que se associem aos princípios defendidos no texto, convidando-os a participarem numa reunião para discutir os problemas da classe, no próximo dia 3, às 21 e 30, no respectivo grémio.

Os signatários manifestam a sua solidariedade ao Movimento das Forças Armadas, congratulam-se com a extinção da PIDE/DGS e saúdam o Povo Português.

ESCRITORES LEVAM POESIA À RUA

UNINDO a voz à de todos os trabalhadores, os escritores da Associação Portuguesa levaram a poesia à rua, dando «do povo à palavra» e «da palavra ao povo». Um antigo republicano, Américo Rodrigues da Fonseca, que nasceu em 1910 e todos os anos, no 5 de Outubro vai em romaria ao cemitério dos Prazeres, meteu ontem pés a caminho da estátua de António José de Almeida para, juntamente com os escritores, manifestar a sua alegria. O velho republicano, no alto, segurava a bandeira portuguesa junto dos cravos brancos e vermelhos.

José Gomes Ferreira, o presidente da Associação, de cravo vermelho na lapela, lembrou que os escritores realizaram um grande trabalho no período de trevas, assumindo uma posição de combate de que resultou o facto de serem sempre visados pela extinta D. G. S. Na presidência da associação, Gomes Ferreira solicitava, através de carttas, a libertação dos escritores detidos e autorização para visitas, que sempre lhes foram negadas. A última carta neste sentido passa agora para os arquivos da associação como documento histórico e importante. No dia 24 de Abril, Gomes Ferreira acabara de escrever um ofício a Marcelo Caetano solicitando a liberdade para Sérgio Ribeiro, José Tengarrinha, Mário Ventura e Orlando Gonçalves, ao mesmo tempo em que «agradecia» o atendimento do pedido de liberdade de António Modesto Navarro, romancista. Entretanto, Gomes Ferreira esqueceu-se de pôr a assinatura no papel e o ofício não pôde seguir naquele dia. No dia 25 já não era necesário que ele seguisse!

A estátua de António José de Almeida foi escolhida pelos escritores por o local ser adequado a que se integrassem depois nas comemorações do Dia do Trabalhador. Além disso, António José de Almeida foi um dos grandes homens da Primeira República, de que foi presidente entre 1919 e 1923.

No local, entre os muitos manifestantes, encontravam-se Augusto Abelaira, Fernando Namora, Ferreira de Castro, Alexandre Cabral, Orlando da Costa, Vasco Miranda, Mário Castrim, Alice Vieira, Franco de Sousa, Borges Coelho, Pedro Támen, Rogério de Freitas, Joel Serrão, Maria Lamas, Fernando Assis Pacheco, Carlos E. da Costa, Júlio Conrado, Mário Neves, José Palla e Carmo, Jorge Reis, Assis Esperança, Mário Dionísio, Rogério Fernandes, Jacinto Prado Coelho, Luís de Sttau Monteiro, Santos Fernando, Romeu Correia e José Vaz Pereira. Maria Judite de Carvalho, doente, não pôde participar da manifestação da sua classe. Entretanto, Jorge Reis, que esteve exilado em Paris, comovia-se a cada abraço trocado com seus camaradas.

Cinema é movimento

«SINDICATO LIVRE DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA» dizia a faixa destes profissionais, que vieram juntar-se aos escritores. Outro cartaz afirmava que «o cinema também é movimento». Glauber Rocha, o realizador brasileiro de «António das mortes», com Cunha Telles e uma equipa do sindicato, filmou os acontecimentos.

Do lado direito da estátua, por volta das 14 horas, um grupo animado chamou a atenção dos populares, que os olhavam atentamente. «Teatro para o povo» era o «slogan» da manifęstação do Sindicato Nacional de Profissionais de Teatro, Bailado, Circo e Variedades. Entre os manifestantes, a presença animada de Florbela Queirós, Jacinto Ramos, Paulo Renato, Nicholson e Anabela.

— Olha a alegria desta gente — comentavam as pessoas, solidarizando-se com os artistas. Ao mesmo tempo, outros populares estavam preocupados em ver, em pleno dia, sem as luzes do palco, os artistas seus conhecidos. As mulheres não perdoavam as artistas sem maquilhagem e muitas ficaram decepcionadas, achando-as feias, simplesmente.

Antes de estas classes seguirem o caminho da alameda, foi distribuído entre os escritores um comunicado que convidava todos os elementos presentes da Associação Portuguesa de Escritores a promoverem duas acções após a manifestação. O texto levantava a hipótese da ocupação simbólica das salas do Grémio Literário e a substituição do nome da Rua Agostinho Lourenço, antigo chefe da P.I.D.E. pelo do seu camarada Soeiro Pereira Gomes, morto pela liberdade.

Gentes de todas as idades e das mais díspares condições sociais

MOTORISTAS DE LEIRIA APOIAM JUNTA

A direcção do Sindicato dos Motoristas do Distrito de Leiria distribuiu aos seus associados um comunicado no qual informa do envio de um telegrama ao presidente da Junta de Salvação Nacional para apoio das directivas estabelecidas pela mesma relativamente ao futuro de Portugal. A direcção daquele sindicato manifesta a convicção de que a «classe dos motoristas vai também ter a devida protecção».

POVO VENCE NO 1.º DE MAIO

(Continuação da página 1)

pistas de atletismo, cobriram-se as bancadas; e todo o Estádio 1.º de Maio era um mar de trabalhadores decididos a construir a sociedade democrática. O dia de ontem era um teste para questão da «preparação dos portugueses para a Democracia»? Se o era, os portugueses passaram!

Milhares de cravos vermelhos ao peito de milhares de portugueses. «Viemos aqui porque quisemos. Ninguém nos pagou», proclamava um cartaz. Centenas de cartazes eram a voz que os trabalhadores portugueses contiveram durante e meio século de dominação. À brisa da tarde flutuavam as bandeiras. Se a maior parte das flâmulas eram de todos nós — verdes e rubras, com um significado há bem poucos dias resgatado — muitas eram também as flâmulas vermelhas dos partidos Comunista e Socialista, sendo ainda de registar a presença do Movimento Libertário Português.

«A poesia está na rua», «Da palavra ao povo» e «Do povo à palavra» eram alguns dos dísticos que se erguiam sobre as cabeças. «Este dia é nosso: foi conquistado», são outros exemplos de cartazes.

«A poesia está na rua». Mas não só a poesia. A unidade das forças democráticas também esteve na rua, em Lisboa, no 1.º de Maio de 1974.

De pé, na tribuna (um pequeno estrado de madeira montado na bancada principal) tomaram lugar o dirigente socialista Mário Soares, Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, Pereira de Moura, do Movimento Democrático Português, Nuno Teotónio Pereira, representando os católicos progressistas, Arlindo Vicente e diversos representantes de sindicatos.

Nas várias intervenções feitas no comício, a palavra de ordem foi de unidade das forças democráticas para conjurar o perigo das manobras da reacção.

O primeiro orador foi o presidente do Sindicato dos Lanifícios, que acentuou termos um País totalmente novo a construir. «Caiu o fascismo, frisou, mas os nossos problemas não ficaram resolvidos — a exploração capitalista continua.»

E terminou apelando para a criação de uma sociedade socialista. As suas palavras finais foram saudadas com fortes aplausos e com o grito «O povo unido jamais será vencido», repetido em coro. Essa mesma frase, aliás, repetida no final de cada uma das seguintes intervenções.

Usou depois da palavra o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, que considerou o capitalismo o inimigo número um e analisou em breves palavras a situação anterior. Referiu, então, a necessidade de se satisfazerem várias reivindicações, entre as quais a do salário completo em caso de doença, e terminou lembrando que« quem matou merece ser castigado» e «quem não trabalhou não tem direito a receber».

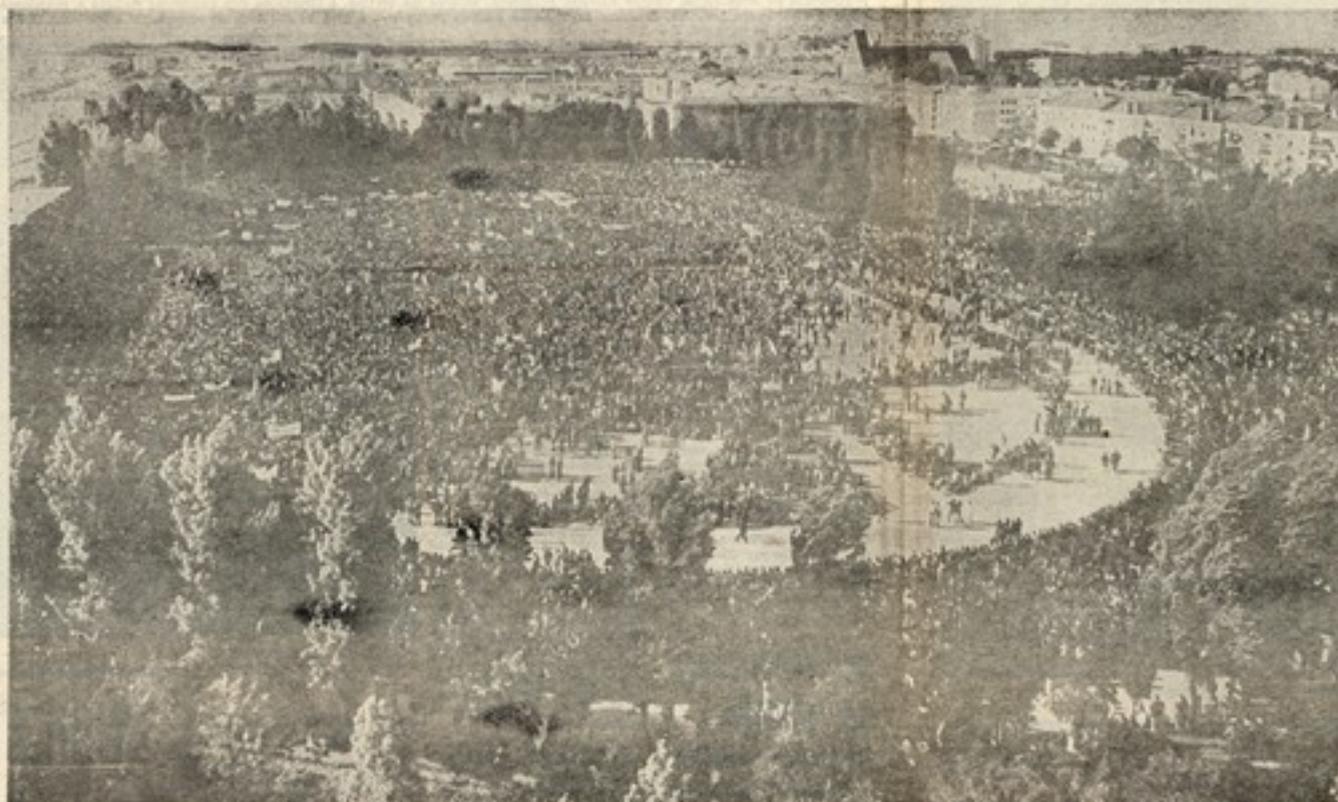
Por sua vez, o presidente do Sindicato dos Caixeiros alertou que «a nossa opressão não terminou» e que deverá haver sindicatos livres e salário igual para trabalho igual. Preconizou também a abolição do sistema corporativo e o direito à greve, visto que a miséria existente no nosso País resultava do conluio dos poderes político e económico.

Após a intervenção dos dirigentes sindicais, chegou a vez dos representantes das diversas tendências políticas.

O primeiro a falar foi o prof. Pereira de Moura, representando o Movimento Democrático, que começou por afirmar que «o 1.º de Maio é a vossa vitória e de todo o povo português» mas uma vitória incompleta, visto que será necessário, por exemplo, acabar com o trabalho em condições desumanas e oferecer cultura e instrução para todos. Salientou, depois, que o programa do Movimento das Forças Armadas é o mesmo do povo trabalhador e que a guerra é um problema que está ainda por resolver, além de que o capitalismo se mantém. E terminou sublinhando que devemos estar atentos, porque «ainda podemos voltar atrás».

Nuno Teotónio Pereira em nome dos católicos progressistas, salientou que o aparelho eclesiástico foi um sustentáculo do anterior regime e continuou afirmando que se devia efectuar o cessar-fogo imediato e abrir conversações com os movimentos de guerrilha. A concluir, pediu o poder para o povo e para os operários e sublinhou que «devemos ir até ao fim», não nos conformando com meias soluções.

Hoje e aqui

Em representação do Partido Socialista, Mário Soares falou também e afirmou que valeu a pena ter vivido e sofrido tanto para assistir àquela reunião. «Foi hoje e foi aqui que destruímos o fascismo». Saudou depois as vítimas que o Partido Comunista teve nas suas fileiras e acusou a existência de monopólios e do imperialismo estrangeiro presente no País. Exigiu, depois, o corte de relações com o Governo do Chile e apelou para a unidade das forças populares com as Forças Armadas.

Finalmente, preconizou o início de conversações para se terminar com a guerra e recordou que o produto do trabalho deve ser para quem trabalha.

Álvaro Cunhal

O último representante de tendências políticas a discursar foi Álvaro Cunhal, pelo Partido Comunista, que chamou a atenção para a vigilância que devemos ter perante as provocações dos que, na sombra, procuram reconduzir o País para o fascismo. Seguidamente advogou a criação de um Governo provisório com a representação de todos os partidos políticos e forças democráticas e apresentou duas condições para que o processo iniciado no dia 25 de Abril pudesse vir a resultar: a primeira é a da reorganização da classe operária e das forças democráticas, com a unidade entre socialistas, comunistas, liberais e católicos, que devem lutar em comum; a segunda é a da aliança do povo com as Forças Armadas.

Foi então a vez dos representantes das organizações sindicais estrangeiras tomarem o seu lugar na tribuna. Assim, o secretário-geral da C.G.T. francesa, Jean Duhamel, recordou a situação dos emigrantes portugueses em França. O representante da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres manifestou a solidariedade de mais de 50 milhões de trabalhadores e afirmou que se abria em Portugal uma perspectiva nova de liberdade. O representante da Confederação Mundial dos Trabalhadores sublinhou que «estamos ao vosso lado» para combater em conjunto o fascismo e o colonialismo e constituir uma força internacional dos trabalhadores. Finalmente, o porta-voz da Federação Sindical Mundial, em nome de 140 milhões de trabalhadores, exprimiu a sua solidariedade na luta pelo fim do colonialismo e da exploração capitalista.

Aspecto do Estádio 1.º de Maio, uma hora antes de terem ali chegado todos os componentes do cortejo

Reunião em Campo de Ourique

LEVANTAM-SE gravíssimos problemas aos poderes constituídos, criados não pelo povo, mas pelos elementos reaccionários, pelo fascismo. A aliança entre o Movimento das Forças Armadas e o povo unido e organizado, é, pois, indispensável para assegurar o presente e apontar os caminhos do futuro — afirmou José Manuel Tengarrinha no decorrer de uma reunião promovida ontem pelo Movimento C. D. E. no Largo da Igreja do Santo Condestável, em Campo de Ourique. Estavam presentes algumas centenas de pessoas, algumas empunhando cartazes.

No decorrer da sua intervenção, José Manuel Tengarrinha referiu-se, também, aos elogios que a Imprensa estrangeira tem feito ao Movimento de 25 de Abril («nem sangue nem tiros, com excepção daqueles que foram atirados criminosamente pelos desesperados agentes da ex-PIDE»). Mais adiante, aquele dirigente da C. D. E. alertou os presentes para os sinais reaccionários que se têm registado, «com tendência para se avolumarem quando os fascistas se reorganizarem». A este propósito, afirmou:

— Pretende-se criar o caos económico, pela saída de capitais e o caos político através de boatos, difamações e alteração da ordem. Hoje mesmo, os funcionários de um banco pouseram na rua dois administradores que se haviam introduzido com o fim de desviar grandes quantias. Quanto a este aspecto, porém, a situação está dominada, pois o Sindicato dos Bancários pôs-se à disposição da Junta de Salvação Pública e os seus membros vigiam as instalações bancárias dia e noite.

«O importante, continuou José Tengarrinha, é que todos estejamos atentos. Nem se pode dizer que a vitória está definitivamente firme, nem que os nossos problemas estão resolvidos. Mas o fundamental é que se crie uma situação para que venham a ser solucionados.»

Nesta reunião da C. D. E. em Campo de Ourique usaram ainda da palavra diversos oradores, todos unânimes em exaltar a valentia das Forças Armadas e o apoio que o povo não deve deixar de tributar às mesmas.

Arrear da bandeira na Ajuda

CENTENAS de pessoas assistiram ontem ao arrear da Bandeira Nacional no Depósito Geral de Adidos, situado na Calçada da Ajuda, misturando-se com os soldados, cada qual com um cravo vermelho na lapela. No final ouviram-se «vivas a Portugal» entoados sincopadamente numa alegria contagiante.

Cerca das 17 horas começou a juntar-se em frente daquele estabelecimento militar uma multidão que aguardava o arrear da Bandeira Nacional efectuado às 19 e 30 evidenciando assim o seu patriotismo, traduzido nas flores que se ofereciam aos soldados e em estribilhos de «O povo unido jamais será vencido» e «É bom, é bom e continua, o povo português pôs os fascistas na rua».

Artistas teatrais resgatam sindicato

OS profissionais de teatro, bailado, circo e variedades, cientes dos seus interesses e da possibilidade concedida pelo triunfante Movimento das Forças Armadas de uma vivência sindical verdadeiramente livre, decidiram «terminar o seu afastamento pelo Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais, durante mais de trinta anos divorciado da classe e servilmente identificado com os poderes fascistas que arruinaram todos os sectores da vida portuguesa». Para tal, ocuparam ordeiramente a sede do sindicato, destituíram os corpos gerentes e nomearam uma Comissão Reformadora bem representativa da classe e que se compromete a promover eleições livres que escolham elementos, os quais, «sem carecerem da humilhante homologação oficial», sejam capazes de promover o prestígio cívico e os direitos elementares de que a classe há muito está arredada, sem falar de uma censura que impedia qualquer actividade criadora e de expressão. Entre os propósitos dessa Comissão Reformadora que primeiramente vai preparar, a curto prazo, a reestruturação de um sindicato que venha a abarcar todos os profissionais de teatro, bailado, circo, variedades e, se o desejarem, os cantores de ópera, contam-se saudações aos bancários e à Junta de Salvação Nacional, a adopção da proclamação de 25 de Abril da Intersindical, a cessação das prerrogativas que têm encorajado o monopólio de exploração de casas de espectáculos, a instauração de um inquérito a uma alegada burla da falta de depósito de milhares de contos de contribuições da Previdência, a obtenção da obrigatoriedade da contratação com fiscalização do regular e total pagamento de salários, a concessão de maior representatividade sindical na gerência do fundo de teatro, cuja administração deve pertencer exclusivamente à classe teatral e a consciencialização sindical e cívica com vista a uma muito maior actividade associativa.

Na próxima assembleia geral será eleita a nova direcção, que se responsabilizará, no sentido de elevar o nível da classe teatral, de modo a valorizar o nível mental do povo português, para que o teatro deixe de estar apenas ao alcance das classes privilegiadas, sem esquecer a acção política, a qual, sem prejuízo das opções pessoais de cada um, deve apoiar o novo Movimento Democrático Português.

Empunhando cartazes e bandeiras, os trabalhadores portugueses manifestaram durante o dia de ontem o seu júbilo pela queda do regime que durante perto de meio século atrofiou a vida política do País

MINISTÉRIO DO TRABALHO NA PRAÇA DE LONDRES

O edifício na Praça de Londres

POR vontade expressa dos diversos sindicatos, o ex-Ministério das Corporações e Segurança Social passa a chamar-se Ministério do Trabalho, designação que melhor se adapta às actuais circunstâncias políticas do País.

Esta medida foi tomada anteontem à noite durante a ocupação pelos sindicatos, do arranha-céus da Praça de Londres. A ocupação decorreu sem incidentes, não se tendo verificado prejuízos de qualquer espécie no edifício ou no próprio recheio. A medida foi rapidamente reconhecida pelas Forças Armadas, que acorreram ao local onde procederam à evacuação do prédio, passando automaticamente a desempenhar meras funções de vigilância. A atestar o acontecimento, um simples cartaz numa das janelas do primeiro andar do edifício: «Ministério do Trabalho».

Quadros da C. P. propugnam

DISPOSTOS a ser alguns dos obreiros da construção do futuro português como «obra colectiva de todos os que estão dispostos a construir o que for o desejo de um povo, democraticamente expresso» e não de uma «elite esclarecida», os quadros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, no seguimento de uma reunião geral, decidiram tornar pública uma moção aprovada em que, além da afirmação acima reproduzida, declaram que a democratização da vida nacional é base indispensável para a construção do futuro, a iniciar de imediato, ao nível de todos os órgãos de base da Nação e nomeadamente das suas empresas, nas quais as linhas de decisão devem ser revistas no sentido de os trabalhadores ocuparem o lugar que lhes compete nessas decisões, em vista à concretização em cada empresa da democratização interna e da realização de uma produção dirigida aos interesses nacionais.

Noutro ponto da sua moção os quadros da C.P. declaram que aquela renovação corresponderá, fundamentalmente, à revisão das estruturas de funcionamento e de decisão e que em tal construção têm acção básica as entidades sindicais, os trabalhadores como grupo, que, por um lado, renovarão nos seus sindicatos a vida associativa, dirigindo-a também para a reconstrução nacional e que, dentro de cada empresa, em integração intersindical, encarem e resolvam os problemas da sua actividade.

Caixa Geral de Depósitos

MAIS de um milhar de trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos de Lisboa, anteontem reunidos em assembleia, na sede daquela instituição, decidiram aprovar uma moção a entregar à Junta de Salvação Nacional que inclui, entre outros pontos, a sua constituição em piquetes para actuar dentro e fora das horas de funcionamento da Caixa, de modo a colaborar no impedimento de saída indevida de valores e fundos existentes na instituição e a solicitação à Junta de Salvação Nacional que torne extensivas às dependências da Caixa as medidas aplicadas aos bancos e caixas bancárias.

Estas deliberações constituem a alínea B, da moção aprovada na reunião cuja ordem de trabalhos foi a seguinte: «Apoio ao programa do Movimento das Forças Armadas; actuação imediata quanto à segurança dos valores em depósito na Caixa; defesa de interesses de trabalhadores da Caixa e medidas de saneamento da actividade da Caixa.»

Após a leitura de telegramas enviados por trabalhadores de agências da C.G.D. de vários pontos do País em que se salientavam problemas de um modo geral concernentes à melhoria de condições de trabalho e a expurgação de elementos da P.I.D.E. - D.G.S. infiltrados nas várias dependências da instituição, foi discutida e aprovada a ordem de trabalhos. Em seguida, foi proposta a discussão e aprovação um texto elaborado por um grupo de trabalhadores, que, depois de discutido e alterado nalguns pontos pela assembleia constituiu a moção a apresentar à Junta de Salvação Nacional. É o seguinte o teor da moção:

«Considerando que pela acção do Movimento das Forças Armadas e pelo apoio imediata e entusiasticamente dado pelo Povo Português, se iniciou a destruição do regime fascista e está a fazer-se a libertação das forças democráticas, considerando que a C.G.D., como instituto de crédito do Estado, no domínio de acção que lhe é próprio, deve ser agora posta inteiramente ao serviço dos trabalhadores portugueses e das suas necessidades essenciais, até este momento insatisfeitas, e considerando que os trabalhadores da C.G.D. não têm tido possibilidade de se integrarem em qualquer organismo de representação sindical, e considerando que só através da participação dos trabalhadores nos órgãos de gestão da Caixa, se poderá assegurar a aplicação de várias das medidas que constituem o Programa do Movimento das Forças Armadas; b) cooperar gados da C.G.D. reunidos em 30 de Abril de 1974, decidem: a) manifestar o seu apoio ao Programa definido pelo Movimento dasForças Armadas; b) cooperar directa e efectivamente na vigilância necessária para evitar saídas indevidas dos muitos valores e fundos existentes nesta instituição e para isso, propõem-se: 1.° — Constituírem-se em piquetes dentro e fora das horas de funcionamento. 2.° — Solicitar à Junta de Salvação Nacional que estenda às dependências da Caixa as medidas aplicadas aos bancos e casas bancárias; c) exigir a revogação do Estatuto de Trabalho Nacional, por forma à sua integração sindical, constituindo de imediato uma comissão para o efeito; d) exigir que existam no órgão superior de gestão da Caixa dois representantes eleitos pelos seus empregados; e) solicitar à Junta de Salvação Nacional que os encargos de maior responsabilidade da Caixa sejam exercidos por pessoas que se integrem nos propósitos do Programa das Forças Armadas.»

Na discussão do segundo ponto dos trabalhos, foi acentuada a necessidade de se criarem urgentemente medidas tendentes a evitar a saída indevida de valores pela apresentação de certas realidades, como por exemplo, a permanência da Caixa sem vigilância das Forças Armadas, nas quinta, sexta e a manhã de segunda-feira últimas, situação propícia ao levantamento indevido de valores e fundos e a permanência da administração fascista na C.G.D.. Também na discussão do terceiro ponto, «defesa de interesses dos trabalhadores da Caixa», se denunciaram diversos factos ocorridos na vigência do regime fascista, entre eles, a indiferença a que o pessoal dito superior votava os seus subordinados; a escolha de alguns funcionários das hierarquias mais elevadas pelas suas ligações à P.I.D.E. - D.G.S., Legião Portuguesa e Mocidade Portuguesa; actuação de um chefe de secção como única testemunha de acusação no julgamento de cinco trabalhadores da C.G.D. e aplicação de aumentos de salários e divisão de lucros, em desfavor dos trabalhadores.

Relativamente a alínea C, foi decidido que cada serviço da C. G.D. nomearia o seu delegado presente na comissão que se irá debruçar sobre a revogação do Estatuto de Trabalho Nacional e integração sindical dos trabalhadores da C.G.D. até agora considerados funcionários públicos, estando, por isso, impedidos de se integrarem na organização sindical. Foi deliberado por aclamação que os componentes da mesa fariam a entrega da moção à Junta de Salvação Nacional. Após a reunião, que terminou com vivas às Forças Armadas e a Portugal e gritos de «Abaixo o fascismo», constituíram-se os piquetes de voluntários que imediatamente deveriam começar a actuar junto dos cofres da C. G.D. distribuídos pela cidade.

Ferroviáios

— ESTAMOS a aprender a viver em liberdade, afirmou-se ontem, na cantina dos ferroviários em Santa Apolónia, durante a reunião dos sócios do Sindicato dos Ferroviários dos Serviços Centrais, cujo objectivo consistia em discutir a posição do organismo em face das novas perspectivas criadas aos trabalhadores.

Das propostas apresentadas a assembleia deliberou que a antiga direcção fosse demitida. Imediatamente se procedeu à eleição de uma nova comissão directiva de carácter provisório constituída por José Vaz Lourenço, Artur Mercier de Miranda, José Fernando Martins Jorge, Manuel Henrique Martins, Graciete Caldeira, Manuela Carvalho, Etelvina Reis, António Domingues Lima, Amândio Prudêncio Nobre e António Geraldes Aires. Alguns elementos desta comissão dirigiram-se, em seguida, à Cova da Moura, para felicitarem a Junta de Salvação Nacional.

Os mesmos trabalhadores aprovaram, por aclamação, a criação de um sindicato único de Ferroviários de todo o País.

Construção civil

MAIS de 400 trabalhadores da construção civil reuniram-se anteontem na Praça D. Luís I, para discutirem problemas relacionados com o seu sindicato, particularmente no que diz respeito ao seu funcionamento e demissão dos elementos que constituíam a direcção do organismo — Sindicato dos Operários da Construção Civil do Distrito de Lisboa.

— É um êxito esta sessão ao ar livre — comentou um associado, referindo que normalmente não era superior a dez o número de trabalhadores que participavam nas reuniões ou assembleias gerais daquele sindicato, que agrupa cerca de 44 mil associados.

A meio da tarde, um grupo de trabalhadores ocupou as instalações da sede, exigindo a entrega das chaves ao chefe de serviços, Fernando Martins. Posteriormente, todos os elementos da direcção assinaram o seu pedido de demissão, excepto o presidente.

Após a sessão na Praça D. Luís I, os trabalhadores da construção civil comunicaram, que «tomaram posse do seu sindicato, depois de terem afastado os elementos directivos que consideram pessoas sectárias do fascismo».

Entretanto, decidiram promover uma reunião geral, no dia 7, na sede do Sindicato dos Caixeiros, situada na Avenida da República, 29, às 21 horas, onde se discutirão as novas directrizes a que se subordinará o organismo.

Seguros

NA sede do Sindicato dos Profissionais de Seguros do Distrito de Lisboa, ao Intendente, realizou-se, anteontem, uma reunião magna, na qual tomaram parte, além de elevado número de associados e representantes de outros organismos sindicais, o secretário-geral da Confederação Mundial do Trabalho. No início da reunião, na ordem de trabalhos denominada «informação», foi dissecado o actual momento político. A assembleia regozijou-se, não regateando aplausos, quando foi salientada a ocupação de vários organismos representativos profissionais por trabalhadores e da troca de impressões que dirigentes dos Seguros tiveram com elementos da Junta de Salvação Nacional. Sublinhou-se, em seguida, que a liberdade que os trabalhadores usufruem deve ser cuidadosamente aproveitada, para solidificação de direitos inalienáveis e que na prossecução de determinados objectivos deve verificar-se razoável lapso de tempo. A assembleia — na sequência de «slogans» suspensos nas paredes «A ninguém faltava o pão se cada um ganhasse em relação ao que produzia; o produto do trabalho é hoje distribuído na razão inversa do trabalho; a maior parte cabe aos que nunca trabalharam» — deliberou enviar um telegrama à Junta, com os seguintes pontos fundamentais: saudação às Forças Armadas; justiça para os opressores; revogação da legislação sindical.

Serviço social

«DEBATE livre sobre a actual situação sindical» foi o motivo da convocatória de uma reunião que anteontem à noite decorreu no Instituto do Serviço Social, promovida pelo Sindicato dos Profissionais do Serviço Social, com a presença de cerca de duas centenas de trabalhadores do sector.

Durante a reunião, foram ventilados vários assuntos, nomeadamente, que forma deve revestir a intervenção dos trabalhadores no seu meio de trabalho e qual o conteúdo da profissão de molde a enquadrar-se no actual contexto.

No fundo da sala, podiam ver-se cartazes tais como: «As instituições sociais têm sido instrumentos de dominação». Uma interrogação dominou o diálogo livre dos presentes: «Neste momento, que condições, quanto a ti, devem criar-se para um efectivo poder sindical?»

Foram aprovadas, por aclamação as propostas da desligação da Escola do Patriarcado, sua integração no ensino oficial, e a abolição da Associação do Serviço Social. À meia-noite, «saudando o 1.° de Maio entoaram «Grândola Vila Morena», e o «slogan» «Povo unido jamais será vencido».

Entretanto, a direcção do sindicato, juntamente com grupos de trabalho já formados, irão diligenciar no sentido de apresentar numa reunião, a realizar na próxima quinta-feira, algumas soluções quanto à reestruturação do Serviço Social, posto ao serviço do País renovado.

Instituto de Oncologia

TODOS os trabalhadores do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, estiveram anteontem reunidos em assembleia geral, com o intuito de darem solução a variados problemas prementes.

Ficou concluído ao fim de quatro horas de discussão que seria enviada uma mensagem de saudação ao Movimento das Forças Armadas e à Junta de Salvação Nacional. Foi constituída uma comissão directiva provisória, para funcionar nos primeiros dias até à formação de uma mais ponderada e definitiva com representantes dos diversos sectores.

Dada a diversidade de opiniões e o constante levantamento de problemas, as ordens do dia não puderam ser todas apreciadas ficando marcada uma reunião para hoje.

Gráficos sugerem II República

OS documentos oficiais a publicar pela Junta deveriam ser postos sob a égide da II República Portuguesa, de acordo com uma sugestão aprovada numa reunião do Sindicato Nacional dos Profissionais das Artes Gráficas do Distrito de Lisboa. A assembleia dos gráficos, efectuada na passada terça-feira à noite, considera que «o sistema político que vigorou desde 28 de Maio de 1926 jamais teve o mínimo de dignidade, própria do qualificativo de República».

No decurso da mesma reunião foram ainda tratados os problemas relativos à gestão dos fundos da previdência, à reforma, ao tempo limite de permanência nas oficinais e ao salário. Num documento aprovado por aclamação os profissionais das Artes Gráficas consideram que é agora que começam os «ciclópicos trabalhos».

"SEI O QUE VENDO QUANDO VENDO UM DATSUN"

– Celso V. Silva

Num grande rallye como o TAP há as "bombas" (inacessíveis ao público) e os carros normais — os Turismo de Série — que todos podem comprar.
No último Rallye Internacional TAP e nessa categoria de automóveis de série, a vitória pertenceu a um DATSUN 1200, entre 34 carros de outras marcas (e, até, de preços bastante superiores!)
Guiado por Celso V. Silva — um nosso vendedor.
Que, portanto, sabe bem o que vende: automóveis iguais ao seu, resistentes, seguros... e MUITO ECONÓMICOS.

DATSUN 1200
1.º E 2.º CLASSIFICADO NO 8.º RALLYE INTERNACIONAL TAP
(Turismo de Série)

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTÉLO)
Tecnisado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionários em todo o País

Profissionais de Rádio Renascença optam por autogestão

OS profissionais do serviço de noticiários da Rádio Renascença, verificando existir interferências coactivas no âmbito das suas funções, assim como na sua esfera de atribuições (não foi permitido efectuar a reportagem da chegada de Mário Soares; Luís Filipe Martins ameaçado de despedimento por ter incluído num noticiário um «telex» da agência Nova China; proibida a transmissão de uma reportagem efectuada no aeroporto da Portela sobre a chegada de Álvaro Cunhal), decidiram ao fim da tarde de anteontem suspender o trabalho até ao momento em que esteja plenamente assegurado, em documento escrito, que não existe censura interna.

O conteúdo do comunicado foi dado a conhecer a todos os trabalhadores da estação, que não só se solidarizaram com a atitude dos redactores-noticiaristas, como alargaram o âmbito de reivindicações.

Entretanto, o Movimento das Forças Armadas pediu que se repusesse a emissão para evitar-se quaisquer alarmes da população. Nesse sentido, a partir das 22 horas, a rádio começou a transmitir música clássica. Cerca da meia-noite, o Movimento retomou o contacto com os trabalhadores no sentido de elegerem dois delegados com funções administrativas, para que as emissões voltassem à normalidade. A escolha recaiu no padre António Rego (regente de estúdios) e no locutor Joaquim Pedro, cujos nomes foram comunicados à Junta de Salvação Nacional. A emissão regressou assim à normalidade às 2 horas de ontem, cessando nessa altura a greve.

Com o mandato dos trabalhadores do Porto foi estabelecido o princípio de autogestão, passando a residir na totalidade dos trabalhadores da Rádio Renascença a capacidade de decisão. Decidiu-se ainda nomear uma comissão de trabalhadores com funções deliberativas, constituída pelos delegados com atribuições administrativas (padre Rego e Joaquim Pedro) e ainda por Luís Lopes, Albérico Fernandes, António Santos, José Videira, Alferes Gonçalves, Pedro Castelo e Leite de Vasconcelos.

Deliberou-se ainda readmitir os noticiaristas Paulo Cruz e Rui Pedro, levantando-se ainda a proibição de trabalhar aos microfones a João Paulo Guerra e Adelino Gomes.

Reafirmou-se também, inequivocamente, a determinação de continuar-se a respeitar os princípios fundamentais da doutrina cristã, garantindo-se a abolição total de qualquer forma de censura interna e repudiando-se todas as arbitrariedades. Foi vincado o propósito de colaboração da R. R. ao serviço do povo português. E sublinhou-se a adesão aos princípios democráticos do programa político do Movimento das Forças Armadas

Fim da repressão na R. T. P.

— TEMOS de acabar com as vítimas da repressão, também aqui dentro da Televisão, como o foram a Arlete Cáceres Monteiro, o Franklim Paramés e o Domingos Tomé, todos expulsos — disse uma funcionária dos Servios Sociais da R.T.P:, cujo pessoal se concentrou, ontem de manhã, junto às instalações do Lumiar, no parque automóvel do Estádio José Alvalade, para reivindicar a expulsão dos responsáveis pela actividade daquele organismo até ao dia 25 de Abril.

Nesta concentração, em que os cartazes apresentavam «slogans» tais como «Por uma TV livre e sem oportunismos. Saudamos a Junta de Salvação Nacional» e «Operadores da R.T.P. ao serviço do Povo», os empregados da Televisão combinaram visitar, em conjunto, as instalações de Monsanto. No entanto, Soares Louro, o funcionário superior daquele organismo que, no dia 25, chefiou a emissão, avisou que «em Monsanto, as forças da reacção mantinham ainda material escondido, pelo que receava que elevado número de pessoas ali se deslocassem». Ficou então decidido que pequenos grupos de 10 a 15 pessoas iriam a Monsanto, durante todo o dia.

— Foi necessário que o dia de hoje chegasse para que se soubesse que Monsanto existe — disse, comovido, um funcionário que trabalha naquele posto emissor e que, há uma semana, preparava a emissão que deveria ir para o ar a partir das 12 e 45, quando foi coagido, por agentes da extinta D.G.S., apoiados pelas forças da reacção, a transmitir a emissão proveniente do Porto.

— Pediram-nos que estivesse tudo pronto a partir das 11 e 30. Pois eram 9 horas e já estava tudo a postos. Desde o primeiro instante, nós, em Monsanto, sempre estivemos com as forças de libertação — disse aquele funcionário, que não conseguiu prosseguir devido à comoção

As palmas com que foi ovacionado continuaram, ainda com mais intensidade, quando de uma varanda de um prédio que ladeia o parque automóvel do Estádio José Alvalade começaram a atirar cravos brancos e vermelhos. «O povo unido jamais será vencido» foram as palavras de agradecimento que cerca de 500 bocas gritaram às pessoas que apoiavam desta maneira a manifestação do pessoal da R.T.P.

— Façamos votos para que haja muitos primeiros de Maio floridos! — gritou um outro funcionário de Monsanto, após o que todo o pessoal gritou vivas, a Portugal e às Forças Armadas, e cantou o Hino Nacional e «Grândola, Vila Morena».

Cantando esta canção e gritando o «slogan», o pessoal da Televisão dirigiu-se para a porta do Lumiar, onde saudaram os militares que ali se encontravam, subindo depois a rampa que dá acesso às instalações. A recomendação de que não fizessem barulho porque se estava a gravar não surtiu muito efeito, pois a alegria dominava todo o pessoal que se manifestou no pátio daquele organismo.

Estiveram presentes neste encontro, entre outros, Moreira Rijo, presidente do Sindicato das Telecomunicações, no qual o pessoal da R.T.P. se inclui, Jorge Teófilo, Santos Careto, José Castanheira, Neto, Manuel Pires e tenente-coronel Baptista Rosa.

Trabalhadores da E. N. tomam posição

RECEANDO que a Emissora Nacional continue a ser dirigida por elementos fascistas, um grupo de funcionários convocou uma reunião, que decorreu, anteontem à tarde, no Auditório Um, na sede daquele organismo, durante a qual foram tomadas posições, na presença da comissão «ad hoc», e foi eleito um grupo encarregado de apresentar à Junta de Salvação Nacional o desejo de tornar públicas as determinações assumidas, no âmbito da Emissora Nacional.

É do seguinte teor a proposta apresentada:

«Um grupo de funcionários da E.N., reunidos legalmente no edifício da Rua do Quelhas, devidamente autorizados pela comissão «ad hoc», que representa o Movimento das Forças Armadas, tendo em conta a especulação a que os seus funcionários, indistintamente, têm estado e estão sujeitos na opinião pública, gostaria de ver esclarecida mais explicitamente a posição deste organismo na presente conjuntura, em função de medidas tendentes à reestruturação dos diversos quadros e serviços.

Posteriormente à reunião do presente grupo de signatários, foram divulgados por órgãos de Informação, algumas notícias ou comunicados respeitantes a deliberações da comissão «ad hoc». Reiterando a convicção de que tais decisões necessitam, a curto prazo, uma concretização nos vários aspectos envolvendo um programa mais objectivo das actividades da E.N., os funcionários que assinam este comunicado propõem a criação de uma comissão que se encarregue de fazer presente à Junta de Salvação Nacional, por intermédio da comissão «ad hoc», o desejo de tornar públicas as determinações, no âmbito da E.N., correspondentes aos propósitos democráticos que estão na base do Movimento das Forças Armadas.

Neste sentido, propõem uma lista de funcionários que poderão constituir a referida comissão: Alexandre Pais, António Varela, Carlos Ventura.» A comissão foi aprovada por aclamação.

Também o dr. Vieira da Silva, redactor da E.N., e António Varela, assinaram uma tomada de posição, em nome dos «funcionários anti-fascistas» da E.N.:

«Considerando:

a) Que o triunfante Movimento das Forças Armadas veio, finalmente, restituir aos cidadãos portugueses os seus direitos e garantias fundamentais de cujo exercício foram privados há quase meio século;

b) Que a E.N.R. é um veículo de informação e cultura do Povo e para o Povo é um instrumento de deformação e despolitização das massas;

c) Que o aparelho fascista teve o cuidado de recrutar os corpos directivos, deste importante órgão de Informação, entre elementos ou simpatizantes dos seus principais sustentáculos, ou seja PIDE/D.G.S., L.P. e A.N.P., que estranhamente se mantêm apegados aos seus cargos;

Deliberam:

1 — Saudar o patriótico Movimento das Foças Armadas e manifestar o seu incondicional apoio à Junta de Salvação Nacional;

2 — Exigir o imediato desmantelamento do aparelho fascista a nível directivo, «maxime» do departamento de informação, que deverá ser confiado, de preferência, a elementos não comprometidos, profissionais de rádio marginalizados por motivos políticos;

3 — Exigir o saneamento e reestruturação da E.N. em particular toda a sua programação.»

Também Mimoso Santinho, jornalista de «O Século» e funcionário da E.N., apresentou uma deliberação em nome dos funcionários da E. N., designadamente:

«1 — Dar o seu apoio às directrizes contidas na proclamação da Junta de Salvação Nacional para que a vida portuguesa se institucionalize no respeito pela democracia.

2 — Pedir à comissão «ad hoc» constituída para vigiar o funcionamento da E.N., se digne transmitir à Junta de Salvação Nacional ou ao Governo Provisório, se entretanto, já tiver sido constituído, o seguinte requerimento:

a) Demissão imediata da direcção do Conselho de Programas do organismo;

b) Demissão imediata do chefe da Divisão e Programação, do chefe da Repartição e Informação e do chefe de serviços do último, por se considerar, que estando a actuar nas zonas mais sensíveis do organismo, a sua actividade, presumivelmente, prejudicará tanto pela acção como pela abstenção o interesse da comunidade portuguesa.

3 — Sugerir que as tarefas dos funcionários afastados sejam provisoriamente desenvolvidas por servidores do organismo, da confiança da comissão «ad hoc», à qual se oferece já o parecer da comissão promotora da reunião e do proponente deste documento.

4 — Pedir à comissão «ad hoc» se digne transmitir à Junta de Salvação Nacional o requerimento dos presentes a esta reunião para que se constitua, o mais rapidamente possível, uma comissão de inquérito aos casos de investiduras e desinvestiduras de funções injustas, verificadas desde sempre no organismo, que lhe foram apresentados.

5 — Pedir por último à comissão «ad hoc» que o texto integrado desta deliberação seja imediatamente enviado aos órgãos de Informação nacionais e estrangeiros, obrigando-se os responsáveis pelos respectivos sectores executivos da Informação da E.N., a lê-lo na integra à totalidade do seu público.»

No final e antes do capitão Miguel Amado (representante da comissão «ad hoc») ter fechado a sessão, dizendo que, «Todos ao Trabalho. O País precisa da produção e do trabalho», Gastão Caraça da Cunha Ferreira, como representante do público, solicitou que os órgãos da Informação fossem postos equitativamente e com toda a justiça, ao serviço de todas as correntes de opinião.

PESSOAL DOS CORREIOS NÃO VIOLAVA CORRESPONDÊNCIA

O pessoal dos C. T. T. é completamente alheio a quaisquer intervenções executadas pela ex-D. G. S. nos respectivos serviços, nomeadamente na violação da correspondência que era feita directamente por indivíduos pertencentes àquela organização policial, segundo revela um comunicado distribuído pela J. S. N. e que é do seguinte teor:

«A Junta de Salvação Nacional entende representar um acto de justiça salientar junto da opinião pública que o pessoal dos C. T. T. é alheio a quaisquer diligências, actividades ou intervenções eventualmente executadas pela ex-Direcção-Geral de Segurança nos serviços de correios.

«A intervenção da ex-D. G. S. na violação do sigilo da correspondência era feita por acção directa do pessoal dessa ex-Direcção-Geral que, à ordem do Governo cessante, requisitava determinadas correspondências.

«O presente comunicado tem como intenção única colocar os C. T. T. e os seus servidores à margem de quaisquer suspeitas que, naturalmente, muito afectariam quem se limita ao cumprimento dos seus deveres profissionais.

«Esclarece-se também que todos os objectos e pertences encontrados nos gabinetes da ex-D. G. S. ali afectos foram de acordo com o programa do Movimento das Forças Armadas colocados à disposição das Forças Armadas.»

Busca no Seminário dos Olivais

O Seminário dos Olivais foi, ontem, à tarde, objecto de minuciosa busca suscitada por uma informação segundo a qual ali se esconderia grande quantidade de armas. As investigações, levadas a efeito por uma força do R. A. L. 1, dirigida pelo major Neves, oficial afecto à Junta, permitiram concluir que a referida informação carecia de fundamento.

Credencial policopiada da J. S. N.

A Junta de Salvação Nacional fornece, entretanto, credenciais policopiadas, nas quais apõe o nome do interessado, cujo teor é o seguinte: «Dado que neste momento ainda não é possível reunir elementos que permitirão provar que o portador (nome) pertenceu à D. G. S. ou à L. P., declara-se que o mesmo se encontra sob custódia do Comando das Forças Armadas até ser possível fazer essa prova, pelo qual não deve ser molestado por quem quer que seja.»

Um destes documentos chegou ao nosso conhecimento apresentado por António Peres.

Também de fonte oficial recebemos uma nota na qual o comandante do posto da G. N. R. de Alpiarça pede para se esclarecer que não pertencia à D. G. S. o sargento em questão que, sublinhe-se, é condecorado com a medalha de Serviços Distintos de Segurança Pública por ter arriscado a vida em defesa de terceiros.

Por seu lado, o operário José Cardoso de Jesus tornou público um agradecimento aos seus colegas na Cometna, pelo apoio moral recebido e apoio demonstrado por «escritos difamatórios contra a sua dignidade de cidadão de um País livre, de um Portugal finalmente livre».

ADVOGADOS DEMOCRATAS

PARA estudarem a posição a tomar pela classe relativamente ao Movimento das Forças Armadas, incluindo nomeadamente as formas de apoio concreto à Junta de Salvação Nacional, efectua se hoje, às 21 e 30, uma reunião de advogados democratas na sede da respectiva ordem. Apela-se para que esteja presente o maior número de democratas.

REUNIÃO DO SINDICATO MÉDICO

NO âmbito das actuais circunstâncias políticas do País, o Sindicato Médico (ex-Ordem dos Médicos) decidiu convocar para hoje, às 21 e 30, uma reunião no Hospital de D. Estefânia. A princípio, a convocatória foi apenas dirigida a médicos e estagiários, mas os responsáveis decidiram incluir também todo o pessoal hospitalar. Para além da destituição dos corpos directivos dos Hospitais Civis de Lisboa, deverá ainda hoje ser nomeada uma comissão «ad hoc» de gestão técnico-administrativa dos mesmos hospitais.

PRIMEIRO DE MAIO NO MUNDO

MADRID, 1 (R., F.P. e UPI-ANI) — No dia 1.° de Maio a Espanha não teve desfiles, nem manifestações nem tão pouco incidentes.

A Polícia tinha prendido nos últimos dias julga-se que mais de sessenta pessoas pertencentes a grupos da extrema-esquerda, por temer atentados.

Querendo afirmar-se como «responsáveis» aos olhos da opinião pública, o Partido Comunista, o Partido Socialista e as Comissões operárias não convocaram os seus membros para nenhuma manifestação. No entanto, as medidas de segurança tinham sido redobradas em Madrid. Os edifícios públicos estiveram por vezes guardados por polícias armados.

Como na véspera, também no primeiro de Maio um helicóptero sobrevoou os bairros onde se poderiam ter juntado os manifestantes.

Houve pequenos grupos que se manifestaram mas que rapidamente dispersavam à chegada da Polícia. As poucas bandeiras vermelhas que apareceram de manhã cedo foram rapidamente levadas.

A única manifestação pública «tolerada» pelas autoridades espanholas foi uma organizada por seis grupos da direita, que quiseram assim lembrar a morte de um polícia durante manifestações ocorridas o ano passado. Presentes menos de 500 pessoas. Um padre e um advogado lembraram o «mártir» do «ódio marxista» nos discursos feitos a propósito.

De manhã o general Franco entregou medalhas do trabalho a várias pessoas no Palácio do Pardo. À noite, o general e presidente da República espanhola assistiu a uma manifestação desportiva e folclórica no Estádio Bernabeu.

U. R. S. S.

A União Soviética celebrou o primeiro de Maio com um desfile cívico em massa através da Praça Vermelha de Moscovo, sem que tivesse sequer sido feito o tradicional discurso dos chefes do Kremlin.

Milhares de trabalhadores, ginastas e crianças das escolas tomaram parte no desfile, o primeiro desfile de civis desde 1969.

Não foi dada qualquer explicação oficial para a falta do tradicional discurso do primeiro de Maio, mas o Politburo completo, tendo à frente Leónidas Brejnev, encontrava-se no cimo do mausoléu a Lenine a observar o desfile.

Mensagem de Paulo VI

CIDADE DO VATICANO, 2 — A Igreja solidariza-se com as vossas aspirações à justiça e ao progresso — declarou Paulo VI numa «saudação aos trabalhadores» por ocasião do primeiro de Maio.

Dirigindo-se a cerca de 23 mil fiéis, Paulo VI pô-los também de sobreaviso contra o espírito de violência e a «fascinação da revolta».

«A Igreja encara as aspirações dos trabalhadores à justiça e ao progresso com uma simpatia solidária, disse o Papa. Teme apenas que o ardor da sua luta lhes inculque no coração o ódio, a vingança e a violência e feche os seus olhos à visão dos bens espirituais, tão necessários à sua vida como os bens económicos e que são dignos da sua condição social. Cristo foi pobre; Cristo foi, ele também, um trabalhador e encontrou oposição e incompreensão da parte dos seus contemporâneos.»

Acrescentou Paulo VI:

«A Igreja sauda-vos hoje e abençoa-vos nos vossos locais de trabalho. Ela vê que muitos de vós têm trabalhos duros e esgotantes (...). Vê que outros trabalham em empreendimentos perigosos que exigem muitas vezes uma coragem acrobática e um extraordinário autodomínio (...). Vê que muitos se ocupam de trabalhos monótonos e alienantes e admira a sua paciência e habilidade. E quantos de entre vós passam os seus dias em oficinas ensurdecedoras e ofuscantes. Quantos de vós são obrigados a trabalhar de noite ou a horas que perturbam o ritmo tranquilo dos dias: a Igreja não vos esquece.»

China

EM Pequim, embora uma dezena de membros do Politburo governativo chinês se misturassem com as multidões durante as coloridas celebrações do primeiro de Maio, mais uma vez o «leader» chinês Mao Tsé-Tung não participou nas festas. A ausência do «leader» chinês de funções públicas desde essa altura é considerada como um movimento deliberado para arredar o culto da personalidade que normalmente o tem cercado.

França

PARIS, 2 — Dezenas de milhares de pessoas participaram numa manifestação do primeiro de Maio, organizada em Paris por vários movimentos da extrema esquerda, trotskistas trabalhadores imigrados e minorias nacionais.

Contrariamente à tradição, as principais organizações sindicais e partidos da esquerda não promoveram um desfile, respeitando assim a trégua eleitoral, a quatro dias da primeira volta do escrutínio da eleição presidencial. Em contrapartida, convidaram os seus partidários a reunir-se num parque da periferia parisiense para um comício.

Durante mais de duas horas os manifestantes da extrema esquerda desfilaram entre as Praças da República e da Nation, entoando em coro: «Nem Giscard, nem Chaban, nem Mitterrand»; «Não há cheque em branco para Mitterrand»; «Uma única solução, a revolução», etc. Viam-se entre eles Alain Krivine, candidato da Frente Comunista Revolucionária à presidência, e Arlette Laguiller, candidata da «Luta Operária» (duas organizações trotskistas).

Nos Estados Unidos e Canadá não se festejou o primeiro de Maio porque a festa dedicada ao Trabalhador se realiza na primeira semana de Setembro.

O primeiro de Maio foi ainda celebrado em quase toda a África, na Polónia, Suécia, Alemanha Ocidental e Oriental, Singapura, Filipinas, Hong-Kong, Pérsia, Marrocos, Itália e outros.

Por outro lado, em Israel e Coreia do Sul o primeiro de Maio não foi celebrado.

Chile

POR outro lado, segundo notícias de Santiago, o Chile não teve igualmente primeiro de Maio este ano, visto as manifestações públicas estarem proibidas há sete meses, isto é, desde que uma Junta Militar de direita derrubou o Governo legal de Salvador Allende. Uma das primeiras medidas tomadas por essa junta consistiu precisamente na proibição de todos os partidos de esquerda que formavam a unidade popular, organização que apoiava Allende.

Perante os dois mil trabalhadores reunidos na sede da junta, o general Pinochet, presidente da Junta Militar, reafirmou ser sua intenção «preservar os direitos e as conquistas sociais dos trabalhadores» e anunciou uma série de aumentos de salários, tendo em vista atenuar os efeitos da subida do custo de vida. Informou ainda que iriam ser tomadas medidas destinadas a aumentar a participação dos trabalhadores na gestão das empresas.

Indicou ainda que o salário mínimo passaria para 29 mil pesos (cerca de 975 escudos), o que dá um aumento de mais de 50 por cento.

A Imprensa chilena tinha notado nos últimos dias que têm aparecido nas paredes cartazes afirmando que a resistência à junta começaria no primeiro de Maio. No entanto, nenhum incidente fora ainda assinalado ao princípio da tarde de quarta-feira.

EGIPTO MODIFICA POLÍTICA DOS E. U. A. NO MÉDIO ORIENTE

ALEXANDRIA, 2 — Num espaço entre as reuniões com o secretário de Estado americano Henry Kissinger, o presidente Anwar Sadate declarou, hoje, que os árabes transformaram a política norte-americana relativamente ao Médio Oriente.

As declarações de Sadate podem ser interpretadas como uma garantia à Síria de que pode confiar nos Estados Unidos e em Kissinger para a procura de uma solução de paz para o Médio Oriente.

O líder egípcio interrompeu as suas reuniões com Kissinger, em Alexandria, para se deslocar de avião ao Sul do Egipto e discursar num comício de trabalhadores no 1.° de Maio, em local perto do Cairo.

Anwar Sadate aproveitou a ocasião para justificar, relativamente a críticas de que tem sido alvo a sua política e declarou que devido à guerra de Outubro, e à utilização da arma-petróleo, os Estados Unidos resolveram corrigir a sua política no Médio Oriente, sabendo que ela não estava a bater certo.

Sadate disse que a atitude norte-americana se transformou «desde uma imprudência monolítica até uma compreensão da gravidade da situação e a uma séria participação na busca de uma solução de paz».

Na verdade é essa a razão principal da actual visita de Kissinger ao Egipto, no seu caminho para Israel e para a Síria, onde tentará obter o afastamento de tropas na frente dos montes Golan.

Círculos bem informados do Egipto dizem que Kissinger tem propostas já elaboradas para uma separação de forças e que os pormenores foram enviados a Israel, Síria e União Soviética, visto que este último país procura representar um papel mais activo na busca de uma solução de paz.

Kissinger pretende saber qual é a opinião do presidente Sadate às suas ideias e espera ter obtido as reacções israelita e síria durante a visita a estes dois países.

Os mesmos círculos descrevem as ideias do secretário de Estado como uma tentativa para reconciliar as propostas síria e israelita, vastamente diferentes entre si. O esquema de Kissinger apela para uma retirada israelita de todos os territórios conquistados à Síria na guerra de Outubro.

COMBATES

DAMASCO, 2 (R.) — Tropas, tanques e artilharia da Síria continuaram a atacar posições israelitas ao longo da frente dos montes Golan, segundo anunciou um informador militar nesta capital.

Acrescentou que os dois lados travaram luta durante toda a noite no monte Hermon e que os combates alastraram a outros sectores da frente.

POSTO DE ESCUTA

NOVA «ESTRELA» PARA GISCARD — Segundo uma nova sondagem à opinião pública realizada pelo jornal «Le Figaro», e que é hoje publicada, o ministro das Finanças, Valery Giscard d'Estaing, e o chefe socialista François Mitterrand, devem quase por certo qualificar-se, no próximo domingo, para o segundo e decisivo escrutínio da eleição presidencial em França, a realizar no próximo dia 19.

Para esse escrutínio a sondagem revelou ainda que Giscard d'Estaing teria uma escassa vantagem sobre o seu rival das esquerdas, de 51 para 49 por cento.

A sondagem de «Le Figaro» confirmou também o declínio do antigo primeiro-ministro do general De Gaulle, Jacques Chaban-Delmas, que a certa altura parecia ser o principal candidato na corrida para o Eliseu. Na verdade, tudo leva a crer que o ataque desencadeado há dias por Chaban contra o ministro das Finanças, Giscard d'Estaing, não causou qualquer impressão no eleitorado. No caso de ser Chaban-Delmas a chegar ao segundo escrutínio com Mitterrand, este — segundo o inquérito — venceria folgadamente por uma margem de 47 a 39 por cento.

Entretanto, o Governo francês aprovou um aumento de 6,25 por cento do salário mínimo por hora do trabalhador francês. O salário básico por mês, com semanas de 43 horas, passará agora a ser de 1128 francos (cerca de 6800 escudos) e o aumento entrou ontem em vigor.

O salário básico dos trabalhadores franceses foi, assim, aumentado em 28 por cento desde 1 de Maio corrente.

A SITUAÇÃO NA ETIÓPIA — A Confederação dos Sindicatos da Etiópia declarou ontem que se o Governo levar a efeito a ameaça de encerrar as instalações da Confederação, tal atitude poderá conduzir a uma greve geral, que seria a segunda num período de dois meses. Numa mensagem endereçada ao primeiro-ministro Endalkachew Makonnen, ao Parlamento e ao Ministério da Defesa, a Confederação desmentiu alegações governamentais de que tenha procedido a agitações entre os trabalhadores do Governo para entrarem em greve.

Na noite passada o Ministério da Defesa transmitiu pela Rádio uma declaração, com palavras muito veementes, dizendo que a Confederação era responsável pelo actual desassossego que se verifica entre os trabalhadores governamentais e avisando que se a situação continuasse a Confederação teria de ser, possivelmente, encerrada.

VOLTA AO MUNDO

PACKER — O magnata da Imprensa e da Televisão australianas, Sir Frank Packer, que foi feito Cavaleiro do Império Britânico pelos serviços prestados aos desportos náuticos internacionais, faleceu em Sydney. Tinha 67 anos. Sir Frank foi director da Reuter de 1953 a 1956 e de 1962 a 1965, sendo também, por duas vezes, presidente da Associação da Imprensa Australiana.

MARIJUANA — A Polícia mexicana apreendeu quatro toneladas de marijuana que eram transportadas clandestinamente num camião-depósito, segundo foi anunciado em Acapulco. Um informador da Polícia disse que a apreensão do estupefaciente nas vizinhanças deste centro de turismo internacional, a 400 quilómetros ao sul da Cidade do México, era de cerca de uma tonelada por dia desde Janeiro último.

VARÍOLA — Declarou-se uma epidemia de varíola no distrito de Binnor, no Uttar Pradesh, na Índia. Há já uma centena de mortos.

AVISO A NIXON — A comissão judiciária da Câmara dos Representantes avisou o presidente Nixon que a sua oferta de entregar transcrições em vez das fitas gravadas das conversações relacionadas com o escândalo Watergate «não corresponde» à intimação que lhe foi feita.

MORTICÍNIO — Um pára-quedista coreano bêbado matou nove pessoas, em Seul, numa onda de violência, mantendo 200 soldados e polícias em respeito durante três horas antes de se suicidar.

AVALANCHA — Morreram duas mulheres pertencentes a uma equipa de 15 alpinistas franceses que foram apanhados por uma avalancha perto da aldeia de St. Dalmas-Le-Selvage, que domina, alcandorada na montanha, o porto mediterrânico de Nice.

ESPAÇO — A primeira estação monitora de satélite da Checoslováquia entrou em funcionamento, fornecendo melhores ligações de telecomunicações com a União Soviética, Mongólia e Cuba.

GREVE DOS ESTIVADORES — O Sindicato dos Estivadores da costa ocidental dos Estados Unidos lançou ordem de greve aplicável a partir de quarta-feira. Os portos de San Diego a Deattle não funcionarão portanto.

PENA DE MORTE — O Senado do Parlamento do Estado de Nova York votou por 40 votos contra 18 o restabelecimento da pena de morte, que será obrigatoriamente aplicável nos casos de assassínio de agentes da Polícia e de guardas prisionais.

GENERAL GIAP — general Nguyen Giap, ministro da Defesa da República Democrática do Vietnam, que diziam estar doente, apareceu em público por ocasião de uma reunião organizada em Hanói na véspera do 1.° de Maio.

O herói lendário de Dien Bien Phu sentou-se à tribuna da assembleia, entre os seus camaradas da secção política e do Governo norte-vietnamiano. Apesar de mais magro, o general Giap mostrou-se sorridente e bem disposto.

CURDOS — Quatro homens e uma mulher foram condenados à morte por um tribunal de Bagdad, por estarem envolvidos em actividades de sabotagem a favor dos rebeldes curdos — segundo anunciou hoje a agência noticiosa oficial iraquiana. Dois outros homens foram absolvidos pelo tribunal revolucionário do Iraque por não haver provas suficientes. As autoridades procuram ainda outro indivíduo.

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1294 — Morreu Mestre Jacobo, autor da obra jurídica «Flores de las Leys», que abriu novos caminhos à jurisprudência castelhana, até então tendo por base o direito visigótico. O trabalho de Mestre Jacobo foi publicado em 1924 com o título «Flores del Derecho» e constitui interessante fonte de estudo do Direito peninsular na Idade Média

A CAPITAL

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1889 — A fim de assegurar a sua elevação ao trono da Etiópia, Menchique II (coroado imperador a 3 de Novembro) assinou com a Itália o Tratado de Ucialli, que os italianos tomaram como se fosse um acto de vassalagem, que, não concretizada pelos etíopes, levou à campanha de 1896, culminada com a derrota italiana na batalha de Aduá

A CAPITAL

O. N. U. APROVA NOVA ORDEM ECONÓMICA

NOVA IORQUE, 2 — A assembleia geral da O. N. U., ao encerrar a sua sessão extraordinária para as matérias-primas e o desenvolvimento, aprovou por consenso uma «declaração sobre a instauração de uma nova ordem económica internacional» e um «programa de acção» destinado a pôr essa declaração em prática, incluindo também medidas especiais de assistência aos países pobres mais afectados pela alta dos preços do petróleo.

A aprovação desses dois textos, sem serem votados, foi seguida de uma longa série de exposições que mostraram as reservas de numerosos delegados a seu respeito.

A sessão, convocada por iniciativa do presidente da República argelina, Houari Boumediene, principiara em 9 de Abril.

CARTAZ

CINEMAS DE ESTREIA

IMPÉRIO (555134) — «Um homem de sorte», de Lindson Anderson, c/ Malcolm McDoweth. M/18, às 15.15. Às 21.30: Estreia «O couraçado Poutemkine», de Sergei Eisenstein. M/18. Preço de 15$00 a 27$50.

POLITEAMA (326305) — «Eusébio, a pantera negra», de Juan de Orduña, c/ Eusébio, Mario Libéria, José Moreno, Isabel de Castro e colaboração de Flora. M/6, às 15.15 e 18.15. Às 21.45: Estreia «A fúria do assassino», de Silvio Amadio, c/ Farley Granger e Barbara Bouchet. M/18. Preço de 10$00 a 22$50.

VOX (720808) — Estreia: «Dois homens na cidade», de José Giovanni, c/ Alain Delon e Jean Gabin. M/18, às 15.15, 18.30 e 21.45. Preço de 20$00 a 35$00.

ALVALADE — (717480) — «O esquadrão indomável», de Philip d'Antoni, c/ Roy Scheider, Tony Lo Bianco e Zany Haines. M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45.
Preço de 10$00 a 30$00.

APOLO 70 (763319) «American Graffiti», de Georges Lucas, c/ Richard Dreyfuss, Ronny Howard e Candy Clark. M/18, às 15.15, 18.30 e 21.45.
Preço de 17$50 a 30$00.

AVIS (47163) — «Malteses, burgueses e às vezes», de Artur Semedo, c/ Pedro Pinheiro, Alda Rodrigues, Henrique Viana, Jaime Valverde e Nicolau Breyner. M/18, às 15.30 e 21.45.
Preço de 15$00 a 27$50.

BERNA (776098) — «Jesus Cristo Superstar», de Norman Lewison, c/ Ted Neeley, Carol Anderson e Yvonne Eppiman. M/14, às 15.15, 18.30 e 21.45 horas.
Preço de 20$00 a 35$00.

CASTIL (530194) — «Segredos proibidos», de Philip Saville, c/ Jacqueline Bisset, Per Oscarsson e Robert Powel. M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45.
Preço de 20$00 a 30$00.

CINEARTE — (660446) — «Almas a nu», c/ Simone Signoret e Alain Delon. M/14, às 15.30 e 21.30.
Preço de 12$50 a 22$50.

CONDES — (322523) — «O Esquadrão Indomável», com Roy Scheider, Tony Lo Bianco e Larry Haines. M/18, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45.
Preço de 12$50 a 27$50.

ÉDEN — (320768) — «Abuso do poder», de Camilo Bazzoni, c/ Frederick Stafford, Raymond Pellegrin e Marilu Tolo. M/14, às 15.30, 18.30 e 21.45.
Preço de 12$50 a 27$50.

ESTÚDIO — (555135) — «Ritual», de Ingmar Bergman, c/ Ingrid Thulin. M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45.
Preço de 20$00 a 27$50.

ESTÚDIO 444 (779095) — «O porteiro», de Jean Giroult, c/ Bernard Le Coq, Maureen Kerwin e Michel Galabru. M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45.
Preço de 17$50 a 25$00.

EUROPA — (661016) — «Vêm aí os cabeludos», de George Lautner, com Dani e Michel Galabru. M/18, às 15.15 e 21.30.
Preço de 15$00 a 22$50.

LONDRES — (731313) — «Hiroshima, meu amor», de Alain Resnais, com Emmanuèle Riva, Eiji Okada e Bernard Frasson. M/18, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45.
Preço de 20$00 a 35$00.
Preço de 20$00 a 30$00.

MONUMENTAL (555131) — «Acção executiva», de David Miller, c/ Burt Lencaster, Robert Ryan e Will Geer. M/14, às 15.15, 18.15 e 21.30.
Preço de 20$00 a 30$00.

MUNDIAL — (538743) — «O nosso amor de ontem», de Stark, c/ Robert Redford e Barbra Streisand. M/18, às 15.15, 18.30 e 21.45.
Preço de 17$50 a 30$00.

ODEON (326283) — «Cruel vingador», de Chang Chen, c/ Chen Kuan-Tai. M/18, às 15.15, 18.15 e 21.30.
Preço de 17$50 a 25$00.

OLYMPIA — (325309) — «O rebelde das estepes», de Mário Siciliano, c/ Mark Damon, Erna Schurer e Gary Wilson e «Viva Sabata», de Túlio de Micheli, c/ Peter Lee Lawrence e Anthony Steffen. M/14, sessões contínuas a partir das 14 horas. Preço de 11$00 a 15$00.

PATHÉ (821833) — «À espreita do sarilho», de Ivan Dixon, com Robert Hooks, Paul Winfield, Ralph Waite, William Smithers e Paula Kelly. M/18, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45.
Preço de 20$00 a 30$00.

ROMA — (727778) — «Os heróis», de Duccio Tessari, c/ Rod Steiger, Rosanna Schiaffino e Rod Taylor. M/14, às 15.30 e 21.45.
Preço de 17$50 a 27$50.

ROXY (42872) — «A lenda da casa assombrada», de John Hougil, c/ Pamela Franklin, Roddy McDowall Oliverevidi e Gayle Hunnioutt. M/18, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45.
Preço de 20$00 a 30$00.

SATÉLITE — (562632) — «Cerimónia solene», de Nagisa Oshima. M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45.
Preço de 20$00 a 30$00.

SÃO JORGE — (54153) — «Tchaikovsky, delírio de amor», de Ken Russel, c/ Glenda Jackson e Richard Chamberlain. M/18, às 15.15, 18.15 e 21.30.
Preço de 17$50 a 37$50.

TIVOLI (505905) — «A golpada», de George Rey Hill, c/ Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw. M/18, às 15.15, 18.30 e 21.45.
Preço de 12$50 a 30$00.

TEATROS

ABC (366745) — «Com perna nova», de Francisco Nicholson, Mário Alberto e Gonçalves Preto, c/ Anabela, Nicholson, Henrique Viana, Helena Isabel, Alda Baptista, Rui Mendes, José Bravo, Vitória Maria e Rim e Sunny (atracção japonesa). M/18, às 20.45 e 23 horas.
Descanso da companhia quarta-feira.

CAPITÓLIO — (368953) — «A menina Alice e o inspector», de Robert Thomas, c/ Laura Alves, Nicolau Breyner, Simone de Oliveira e Joaquim Rosa. Encenação de Varela Silva. M/18, às 21.45. Descanso da companhia segunda-feira.

LAURA ALVES (894756) — «História do Jardim Zoológico», de D. Edward Albee, c/ José de Castro e Canto e Castro. M/18, às 22 horas.
Preço de 15$00 a 80$00. Descanso da companhia terça-feira.

MARIA MATOS — (717017) — «Morte de um caixeiro viajante», de Arthur Miller. Adaptação e encenação de Artur Ramos, com Rogério Paulo, Fernanda Borsatti, António Montez, Vitor de Sousa, Carlos Veríssimo, Adelaide João, Baptista Fernandes, Luís Santos, Carlos Santos, Luís Cerqueira, Armindo Taveira e Maria. M/14, às 21.45.
Preço de 20$00 a 50$00. Descanso da companhia terças-feiras.

MARIA VITÓRIA (361740) — «Ver, ouvir e calar», de Aníbal Nazaré, João Nobre, Henrique Santana e Henrique Parreirão, c/ Salvador, Ivone Silva, Mariema, Henrique Santana, Cidália Moreira e Vitor Mendes. M/18, às 20.45 e às 23 horas.
Preço de 25$00 a 90$00. Descanso da companhia segunda-feira.

S. LUIZ (327172) — «Sábado, domingo e segunda», comédia em três actos de Eduardo de Filippo, traduzida por Pedro Lemos, pela Companhia Amélia Rey Colaço Robles Monteiro. M/14, às 21.45.
Preço de 10$00 a 50$00. Descanso da companhia terça-feira.

VARIEDADES (326037) — «Uma rosa ao pequeno-almoço», comédia de Barillet e Gredy, c/ Florbela Queirós, Rui de Carvalho, Norberto de Sousa e Laurent. Encenação de Nicolau Breyner. M/18, às 21.45.
Preço de 10$00 a 90$00. Descanso da companhia terça-feira.

VASCO SANTANA (768609) — «O mar», de Edward Bond, c/ José Tavares, Mário Pereira, Helena Félix, Dário de Barros, Vítor Hugo, Fernanda Montemor e Susana Prado. Encenação de Luzia Martins. M/18, às 22 horas.
Preço de 20$00 a 60$00.
Descanso da companhia segunda-feira.

VILLARET (583590) — «A dama de copas e o rei de Cuba», de Timochenko Wehbi, pelo Consórcio Brasileiro de Teatro, c/ Norma Suely, Miriam Pires e Fernando de Almeida. M/18, às 21.45. Preço de 30 a 100$00. Descanso da companhia: Segunda-feira.

MÚSICA

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Grande Auditório — Às 18.30: Concerto pelo pianista Nikita Magaloff. Obras de: Chopin. M/6. Preço de 25$00 a 60$00.
Às 21.30: Concerto pelo conjunto de Colónia para o Novo Teatro Musical (II). Direcção de: Maurício Kagel. M/10. Preço de 20$00 a 40$00.

CINEMAS DE REPRISE

ARCO ÍRIS (361700) — «Sete homens e uma mulher» e «Os intocáveis». M/18, sessões contínuas a partir das 15 horas. Preço de 7$50 a 10$00.

IDEAL — (324194) — «Uma razão para viver outra para morrer» e «Luta inglória». M/14, às 21 horas.
Preço de 5$00 a 10$00.

JARDIM — (681117) — «O dragão ataca» e «Divórcio à americana». M/18, às 21 horas.
Preço de 6$00 a 12$00.

LUMIAR — (795296) — «A seita dos vampiros» e «Último Verão». M/18, às 21 horas.
Preço de 10$00 a 22$50.

PARIS — (662230) — «Cobras venenosas» e «A noite dos oito badaladas». M/18, às 21 h.
Preço de 6$00 a 18$00.

PATRIA — (381203) — «Klute» e «Profissionais do crime». M/18, às 21 horas.
Preço de 5$00 a 12$50.

PROMOTORA (637180) — «Cantinflas, faz tudo». M/10, às 21 horas.
Preço de 6$50 a 15$00.

RESTELO — (610375) — «O estranho amor de uma mulher». M/18, às 21.30.
Preços de 9$00 a 25$00.

ROCIO — (369822) — «Despertar para a vida» e «Morte de um pistoleiro». M/18, sessões contínuas a partir das 14 horas.
Preço de 7$50 a 10$00.

ROYAL — (865037) — «As escarpas do medo» e «Tempo de viver». M/18, às 21 horas.
Preço de 9$00 a 17$50.

SALÃO LISBOA (864564) — «A carta da Polícia Montada» e «O vulcão do deserto». M/10, sessões contínuas a partir das 14 horas.
Preço de 7$50 a 12$50.

OUTROS CINEMAS

INSTITUTO ALEMÃO — C. Mártires da Pátria, 36-37 — «Cavaleiro selvagem», de Franz-Josef Spieker, c/ Herbert Fuchs, Bernd Herzsprung e Rainer Basedow, às 18.30 e 21.30.

CINEMAS DOS ARREDORES

ALGÉS — Stadium — «O duelo». M/14, às 21.30.

ALHANDRA — Cine Salvador Marques — «Siga aquele camelo». M/18, às 21.15.

ALMADA — Incrível Almadense — «A lição particular». M/18, às 21.15.

AMADORA — Cinestúdio — «Às ordens de vossa excelência». M/14, às 21.45.
Lido — «O misterioso Mr. Mac Kintosh». M/18, às 21.30.

CASCAIS — S. José — «Boudu querido». M/18, às 21.30.

DAMAIA — D. João V — «Um fantasma de biquíni». M/14, às 21.30.

ESTORIL — Casino — «A primeira noite». M/18, às 21.30.
Esplanada — «Conquistadores das Filipinas». M/12, às 21.30.
Palácio — «Violência, quinto poder». M/18, às 21.30.

MOSCAVIDE — Cine — «Punhos de vingança». M/18, às 21 horas.

PAREDE — Royal Cine — «O altar do diabo». M/18, às 21.15.
QUELUZ — Cine — «Viagem sem retorno». M/18, às 21.15.

SACAVÉM — S. José — «Sou eu o culpado». M/18, às 21 horas.

SINTRA — Carlos Manuel — «Godspell». M/14, às 21.30.

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Década prodigiosa». M/18, às 21.15.

VARIEDADES

CASINO ESTORIL — The Freelanders, Gerard Setty, Lídia Ribeiro e Zazzam Follies. Orquestra de Ferrer Trindade. M/14, às 23.30.
Consumo 110$00

MAXIME — Praça da Alegria, 58 — Aberto das 21.30 às 3 da manhã. Rapsódia de folclore português, com Bártolo Valença. Show Internacional. M/21.
Consumo mínimo 144$00

IMPÉRIO (556134) — Nilton César com o seu conjunto privativo, Maria de Lurdes Resende, Saudade Maria, Daniel Garcia e António Cainho e José Maria Nóbrega (guitarra e viola). M/10, às 18.30.

FADO E FOLCLORE

ADEGA MACHADO (360095) — Elenco: Maria Fernanda Pinto, Benvinda Cruz, João Correia e Duo Mondego. Fado de Coimbra por Lubett Bravo. Guitarristas: Jorge Canedo e José Vilela. Folclore. M/18. Consumo obrigatório. Encerra às segundas-feiras.

O TAIPAS (363854) — Marina Rosa, Célia Lopes, Alfredo Marceneiro e Deolinda Rodrigues. Fado de Coimbra por Plínio Sérgio. Pedro Machado (guitarra) e Ermenegildo (viola). Consumo mínimo: 125$00. Encerra às segundas-feiras.

O POETA (868552) — Elenco: Maria da Fé, Filipe Duarte, Flora Pereira e Maria do Céu. À guitarra e à viola Manuel Mendes e Júlio Gomes. M/18, das 20 às 3.30. Consumo mínimo 110$00. Encerra às segundas-feiras.

FORCADO (368579) — Mariana Silva, Francisco Moutinho, Julieta Reis, João Alberto (guitarra) e Fernando Reis (viola). Folclore pelos grupos típicos de Vila Franca de Xira. M/18. Consumo mínimo: 70$00, às 21.30.

MÁRCIA CONDESSA (367093) — Elenco: Cândida da Conceição, Teresa Nunes, José Luís, Elisa Silva, Beatriz Fragoso, Maria da Assunção e António Reis. Joaquim Pinto (viola) e Albertino Vilar (guitarra). M/18. Consumo mínimo 86$00. Encerra às segundas-feiras.

PARREIRINHA DE ALFAMA (868209) — Elenco: Júlio Peres, Tina Santos, Lina Maria Alves e Flora Pereira. M/18, às 21.45. Consumo mínimo 51$50.

FAIA (369387) — Elenco: Lucília do Carmo, Cândida Ramos, Maria Alberta, Maria do Rosário e Arminda da Conceição. Apontamentos de música e baile regional. M/18. Consumo mínimo 70$00. Das 20 às 3.30. Encerra ao Domingo.

PINOCA (867518) — Fados e guitarradas todas as noites. Elenco: Paulo Jorge, Maria José Ramos, Maria Amália Proença, Natalina Bizarro e Artur Batalha. Alfredo Alves (guitarra) e Carlos Duarte (viola). M/18. Consumo mínimo: 100$. Das 21 às 3.30. Encerra ao domingo.

TAVERNA DO EMBUÇADO (860816) — Celeste Rodrigues, António M. Correia e Tónia Caetano. M/18. Restaurante de luxo. Consumo mínimo: 113$00. Encerra aos domingos.

SOLAR DA HERMÍNIA (320164) — Hermínia Silva, Fernando Rios, Hermes dos Santos (viola) e António Pacheco (guitarra). Início do espectáculo às 22 horas. Consumo mínimo: 86$00. M/18. Fecha aos domingos.

LUSO (362889) — Marina Rosa e Célia Lopes. Fado de Coimbra por Plínio Sérgio. Jaime Santos (guitarra) e Fernando Alvim (viola), às 21.45. Consumo mínimo: 135$00. Encerra aos domingos.

MIL E UM (35464) — Elenco: Natalino Duarte, Rosa de Jesus, Maria Amélia, João Casanova, Norberto Martinho e Luísa Vilhena. Edgar Nogueira (guitarra) e José Inácio (viola). M/18. Consumo mínimo: 70$00 (incluindo taxa).

SEVERA (334006) — Alice Maria, Ana Hortense, Maria Eva, Manuel Fernandes, Francisco Carvalhinho (guitarra) e António Proença (viola). M/18. Consumo mínimo: 120$00. Encerra às quintas-feiras.

RESTAURANTE TÍPICO TABUINHAS (284921) Cascais — Fados, por Laura Simões, com Armindo Fernandes (guitarra) e Adão de Sousa (viola). Consumo mínimo: 60$00.

CLUBES NOCTURNOS

NINA (368197) — Com Stephanie Sibarla e o conjunto Som. Às 2 horas da manhã (21 anos). Consumo mínimo 100$00.

EL CID (560538) — Conjunto Arautos. Ballet Paula Show e Gilda de Castro (fadistas) — 21 anos. Consumo mínimo 37$00. Começa às 23 horas.

FONTÓRIA (35431) — Consumo mínimo 50$00. (21 anos). Aberto das 22 às 5 da manhã.

PORÃO DA NAU (51501) — Às 23 horas. Conjunto privativo os Jetters. Consumo mínimo: 80$00. Sábados e domingos consumo mínimo 100 escudos. M/21.

PANTERA (534466) — Conjunto Hilário Sanches. M/21. Consumo mínimo 95$00. Aberto das 18.30 às 5 horas.

PRÍNCIPE NEGRO (368987) — Show com Ballet Brasileiro e o fadista José Raul. Consumo mínimo: 45$00. M/21. Encerra aos domingos.

CONFERÊNCIAS

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Auditório Dois — «Música absoluta como teatro musical», com ilustrações musicais, por Maurice Kagel, às 18.30.

ESPECTÁCULOS NOUTRAS LOCALIDADES

COIMBRA — Avenida — «Pedro, o louco». M/18, às 17.45.
Às 21.30 — «Harry, detective em acção». M/18.
Sousa Bastos — «O homem de Kiev». M/18, às 21.30.
Tivoli — «Rosas vermelhas para o inimigo». M/18, às 21.30.

Lagos — Cine — «Desencontro». M/18, às 21 horas.

LOULÉ — Cine-Teatro Louletano — «Fotos proibidos». M/18, às 21.30.

PORTIMÃO — Cine — «Escândalo de bata branca». M/18, às 21 horas.

SILVES — Cine-Teatro Silvense — «Amor à italiana». M/18, às 21.30.

EXPOSIÇÕES

PALÁCIO FOZ (Restauradores) — Exposição de pintura de Francisco Coelho». Até 5/5.

ARCADAS DO PARQUE — Estoril — De Gomersindo Yuste. Das 10 às 22 horas. Até 10/5.
— Pintura de Arlette Vandeloise. Das 15 às 3 horas. Até 8/5.

CASINO ESTORIL — Pintura de Margarida Vigoço.

GALERIA JUDITE DA CRUZ — Rua do Alecrim, 77 — De José Vaz Vieira. Até 3/5.

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) — Pintura de Alice de Sousa Costa.

GALERIAS DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS — Exposição Gabriel Fauré.

GALERIA OTTOLINI — Rua Augusto dos Santos, 11 — Pintura de Lima de Carvalho. Das 11 às 13 e das 15 às 19 horas (excepto aos domingos). 4/5.

BARCO DE S. MIGUEL, 7 (Alfama) — Pintura de Maria Fernanda Igrejas. Das 18 às 20 horas. Até 11/5.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL — Publicações periódicas inglesas especializadas em «Recuperação de informação no domínio da ciência e da tecnologia». Até 4/5.

GALERIA GRAFIL — Rua S. Filipe Neri, 42, 1.º — Exposição de objectos e guaches de Vítor Belém. Das 10 às 13 horas e das 15 às 20 horas. Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 horas. Encerra aos domingos.

GALERIA 111 — Exposição de pintura de Lindström. Até 4/5.

GALERIA PRISMA 73 — Praça de Alvalade, 26. Exposição de pintura, desenho e serigrafias de Rogério Ribeiro. Das 15 às 20 horas. Quartas-feiras, das 15 às 24 horas. Encerra aos domingos.
— Pintura de Victor Palla e Garizo do Carmo.

GALERIA CASTILHO — Rua Castilho — Exposição de pintura de Eduardo Rosa Mendes.

GALERIA DINASTIA — Rua da Escola Politécnica, 183, r/c., dt.º — «Nove pintores da escola de Paris» (Baron-Renovard, Bryen, Debré, Dumitresco, Fredrerich, Gauttier, Istrati, Schneider e Zach). Até 3/5.

CLUBE ALEMÃO — Avenida Eng.º Duarte Pacheco, 21, 2.º — Exposição de pintura do Grupo 5.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES
— Pintura de Silva Lino. Das 12 às 20 horas. Até 5/5.
— Paisagens e marinhas, de Silva Lino.
— Pintura de Carlos Ramos. Até 6/5.

GALERIA DAVINCI — «Factos e situações»: pintura de Zaï. Até 4/5.

GALERIA DE ARTE MODERNA — Trabalhos de Alberto Carneiro.

INSTITUTO BRITÂNICO — Trabalhos de Cordília Forster.
— Livros recentes ingleses sobre Arqueologia. Das 10.30 às 13 e das 15 às 19 horas. Até 7/5.

GALERIA BUCHHOLZ — Rua Duque de Palmela, 4 — De pintura e desenhos de Henrique Manuel. Até 4/5.
Aberto das 9 às 13 horas.

GALERIA ABEL SALAZAR (Porto) — Pintura e desenho de Abreu Pessegueiro. Das 15 às 20 h. Quartas e sábados das 21.30 às 23 horas. Até 4/5.

GALERIA ALVAREZ (Porto) — Exposição de Vítor Pi.

GALERIA PAISAGEM (Porto) — Rua José Falcão — Pintura de Eduarda Felo.

GALERIA DIPROVE (Porto) — Pintura de Jorge Oliveira.

RÁDIO

1.º Programa — Às 16 e 5: Ao encontro da melodia; 16 e 30: Convívio; 18 e 5: Música popular portuguesa; 18 e 30: Espectáculo; 19 e 5: Selecção da opereta «O Estudante Pobre», de Carl Millöcker; 20 e 30: 5.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei»; 20 e 54: Melodias; 21: Momento 74; 21 e 20: Música portuguesa; 22: O homem e a natureza; 22 e 20: Fados; 22 e 40: Ritmos de todo o mundo; 23 e 5: De um dia para o outro; 0 e 45: Escala na madrugada; 2: Música ligeira variada.

2.º Programa — Às 16: Que quer ouvir?; 17: A ópera em 4 actos, Werther (Massenet); 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes; 20 e 30: Fantasia húngara, de Liszt; 20 e 45: Temas sociológicos; 21: Ópera sem palavras...; 21 e 30: A palavra e a forma; 22: Quarteto n.º 1, em ré menor op. 7, de Schonberg; 22 e 45: À harmonia das horas; 23: Emissão em línguas estrangeiras.

Programa estereofónico — Às 21: Música ligeira variada; 22: Duas obras de Mozart; 22 e 25: Peças de cravo de Rameau, Daquin e Bach; 22 e 44: Dueto em sol maior, de Telemann; 23 e 34: Sinfonia n.º 7 de Bruckner.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Onda média — Às 16 e 5: Programa CDC; 18: Movimento; 21 e 3: Diálogo; 21 e 10: Serão musical; 21 e 30: Quando o telefone toca; 22 e 5: Antiquário; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 5: Mensagens bíblicas; 23 e 20: Grandes orquestras; 23 e 30: No mundo aconteceu; 24: PBX; 2: A noite é nossa.

TELEFONES DE URGÊNCIA

EMERGÊNCIA (P. S. P.)		115
BOMBEIROS		322222
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE LISBOA		323377
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA AJUDA		327413
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BEATO E OLIVAIS		361005
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES		40682
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE C. DE OURIQUE		660024
CRUZ DE MALTA		40037
CRUZ VERMELHA PORTUGUESA		665362
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA	800131	873131
HOSPITAL DE SÃO JOSÉ — BANCO		872240
HOSPITAL DE SANTA MARIA		775171
HOSPITAL MILITAR		674181
HOSPITAL DA MARINHA		863141
SOCORROS B. V. L. — transfusões, soro, oxigénio		536534
S. O. S. — sangue, oxigénio e soros		771303
— intoxicações — venenos		765400
T. S. F.	386141	35083
TRÂNSITO — G. N. R.		000053
POLÍCIA JUDICIÁRIA — (piquete)		535580
POLÍCIA MARÍTIMA		678104
ÁGUAS DE LISBOA	381381	361353
GÁS E ELECTRICIDADE		537021
C. P. — informações		326229
SOCIEDADE ESTORIL — informações		361521
AEROPORTO — informações		711307
PORTO DE LISBOA — informações		366713

Emissor do Miramar — Emissão contínua — Rede de modulação de frequência — Às 16 e 5: Programa CDC; 18: O nosso programa; 19 e 5: Em órbita; 21: Boa noite em FM; 22: Clube à Gó-Gó; 0 e 2: Em órbita-dois; 1: Banda Sonópolis; 2: Perspectiva.

RÁDIO RENASCENÇA

Às 16 e 5: Radiorama; 18: Bemzin; 18 e 20: Palavra do dia. Terço e bênção; 19: Jornal de noticiários e reportagens; 19 e 30: Página 1; 20 e 5: Melodiando; 21 e 30: Poesia; 22 e 30: Curso de língua alemã; 21 e 45: Pentagrama; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Esquina 13; 23 e 5: À 23.ª hora; 0 e 5: Limite; 2: Trofeu Rádio.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça — Das 18 às 19 e 30.
Rádio Voz de Lisboa — Das 19 e 30 às 22.
Clube Radiofónico de Portugal — Das 22 às 2.

FARMÁCIAS

LISBOA

TURNO N-1 (Até às 22 horas) — **Higiene**, R. Cidade Vila Cabral, lote 43 (ex-Rua B, 4), Zona Poente (Olivais Sul), telefone 310026; **Marvila (de)**, Rua Direita de Marvila, 25, telefone 381612; **Alameda**, Alam. Linhas de Torres, 201-B, tel. 790942; **Alvalade**, Av. da Igreja, 16-A, telef. 712070; **Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A, tel. 710465; **Sousa**, Est. de Benfica, 429-A, tels. 780027 - 789985; **Prates & Mota**, R. da Beneficência, 91 (ao Rego), tel. 773728; **Tanara**, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos), tel. 611814; **Lopes Ribeiro**, Rua do Cruzeiro, 117, tel. 633288; **Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2 B, tel. 637020; **Paivas & Parente**, R. de Santo António, à Estrela, 96-98, tel. 665196; **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B-C (à Av. Sacadura Cabral), tel. 770776; **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C, tel. 40592; **Universal**, R. Actor Taborda, 5-7, telef. 44158; **Onilda**, Av. João XXI, 13-A, telef. 726848; **Mariuz**, Calç. da Picheleira, 140 B-C, tels. 720703 - 728395; **Nova Luz**, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III), telefone 843439; **Nobel**, R. Actor Vale, 53 (à «Fonte Monumental», lado sul), telef. 842152; **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40, tel. 841122; **Arnali**, R. das Escolas Gerais, 88-A, tel. 863940; **Ivone, Lda.**, Rua Silva Carvalho, 232-C, tel. 650760; **S. A. E. Silva, Filhos**, R. S. João da Mata, 74, tel. 661010; **S. Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B, tel. 660280; **Centro Farmacêutico**, Rua das Portas de St.º Antão, 88, tel. 321211; **Tavares**, Rua da Palma, 194, telefone 863350.

TURNO N-2 (Toda a noite) — **Zira**, P.º das Casas Novas, lote 66 (B.º da Encarnação), telefone 310172; **Romana**, R. Actor Augusto de Melo, 7-A, telefone 383800; **São Tomé**, Est. do Desvio, lote 12-C, tel. 790704; **Neoterápia**, Campo Grande, 138, tel. 774682; **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, tel. 712803; **Benfica**, Est. de Benfica, 678-E, tel. 702532; **Leal de Matos**, R. Neves Costa, 33-35 (Caroide), tel. 780181; **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3, tel. 610256; **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27, tel. 637777; **Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B, tel. 663349; **Central de Campolide**, R. General Taborda, 17, tel. 680304; **Sagres**, Av. Luís Bívar, 69-71, tel. 47213; **Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (esquina da Av. da República), tel. 43495; **Salutar**, R. Conde de Redondo, 9-A (à Gomes Freire), telef. 533411; **Vera Cruz**, P.º Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus), tel. 724941; **Zional**, R. Morais Soares, 56-C, tel. 847708; **Oriental de Lisboa**, R. de Arroios, 215, telef. 45079; **São José**, R. dos Anjos, 41, telef. 50730; **Martins, Lda.**, Rua Fernão de Magalhães, 33, telef. 849448; **São Bento**, R. Poiais de S. Bento, 73, tel. 679673; **Unifa**, R. da Vitória, 21, tel. 323793.

ARREDORES

ALCOCHETE — Gameiro — L. Santos Jorge, tel. 234100.

ALGÉS — Almeida Nifo — Comb. G. Guerra, 29, tel. 212081.

ALGUEIRÃO — Quimia — Est. de Mem Martins, 285, tel. 2910012.

ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido Reis, 30, tel. 224020.

ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão, 21-A, tel. 270076.

AMADORA — Campos — R. Elias Garcia, 185-7, tel. 930072 (até às 0 horas). Clabel — R. António Sardinha, 23-D, tel. 938551. Dias — Av. Marquês de Pombal, 45-A, tel. 934589 (serviço permanente).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional, 178-A, telef. 224302.

BARREIRO — Higiénica — Rua D. Manuel I, 176/8, tel. 2073217.

BURACA — Vaz Martins — Rua António Ferro, 6-A, tel. 970660.

CACÉM — Guerra Rico — Agualva Cacém.

CAMARATE — Nova — Estrada de Camarate, 9-A, tel. 2518726.

CASCAIS — Misericórdia — R. do Regimento, 19, 41, tel. 280141. Cascais — R. Conde Monte Real, Vivenda Hortense, r/c, esq.º, tel. 282407.

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A, tel. 2432839.

COLARES — Colares — R. Abreja, tel. 299088.

COVA DA PIEDADE — Leoro.

DAMAIA — Confiança — R. D. Maria II, lote 8, telef. 971023.

ESTORIL — Parque, Lda. — Arcadas Parque, 3, tel. 260191.

LOURES — Sálvia — Rua da República, 29, telef. 2531240.

MOITA — Silva Rocha — Praça da República, 16, tel. 239029.

MONTIJO — Montepio — Tel. Não tem.

MOSCAVIDE — Império — Rua de Olivença, 49-A, tel. 2521234.

ODIVELAS — Leitão — Rua Guilherme G. Fernandes, 62, tel. 910051.

OEIRAS — Godinho — Rua Cândido Reis, 98, tel. 2430090.

PAÇO D'ARCOS — Trindade Brás — Av. Costa Pinto, 184, tel. 2432034.

PAREDE — Aisir — Av. Gago Coutinho, 1-A/B — loja, tel. 2472948.

PRAIA DAS MAÇÃS — Higiene — Tel. 290021.

PONTINHA — Cruz Correia — Rua Santo Elói, 41-A, tel. 992453.

QUELUZ — André — Av. José Elias Garcia, 161, tel. 950043 (até às 24 horas). Queluz — Av. Dr. Miguel Bombarda, 123-A, tel. 951841 (serviço permanente).

S. PEDRO DO ESTORIL — São Pedro — Rua 9 de Abril, 24, tel. 263062.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — Tel. 980456.

SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51, tel. 2218580.

SINTRA — Misericórdia — Largo Dr. Gregório Almada, 2, tel. 980391.

VENDA NOVA — Girassol — R. Elias Garcia, 17-C, tel. 974161.

VILA FRANCA DE XIRA — César — Tel. 22278.

PORTO

TURNO 3.º-A (Até às 24 horas) — **Alves Moreira**, Av. Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos (dos)**, R. dos Clérigos, 36; **Cruz (da)**, R. Costa Cabral, 1082; **Maia**, R. do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, R. do Monte Burgos, 802.

TURNO 3.º-B (Toda a noite) — **Aliança**, R. da Conceição, 2; **Botelho**, R. da Alegria, 863; **Estácio**, R. Sá da Bandeira, 120; **Guarani**, R. Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, P. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227; **Vilarinha (da)**, R. da Vilarinha, 161.

«ÚLTIMO TANGO EM PARIS» ENSAIO PARA DISTRIBUIDORES

UM grupo de distribuidores e exibidores de espectáculos reuniu-se ontem à tarde, na União de Grémios de Espectáculos, a fim de discutirem problemas relacionados com a formação da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, nomeadamente acerca da sua composição. Durante a reunião, foram ainda focados aspectos da classificação etária dos espectáculos, principalmente de filmes.

Acerca do primeiro ponto referido, foi sugerido que a comissão fosse constituída por um pedagogo, tendo sido apresentada uma lista de nomes a propor à Junta de Salvação Nacional. No que respeita ao segundo ponto da reunião, reinou certa confusão entre os presentes, principalmente no tocante à exibição de filmes e à sua classificação etária.

— Não podemos destruir a «galinha dos ovos de ouro», o que pode acontecer se não tivermos juízo — disse Fernando Fernandes, distribuidor da Imperial, referindo-se ao facto de os distribuidores e exibidores não exagerarem apresentando certos filmes.

Noutro momento da reunião, Fernando Fernandes referiu:

— Vamos arriscar com um filme defensável. Apresentamos, por exemplo, o «Último Tango de Paris». Depois da reacção do público, veremos o que se pode fazer — disse, referindo-se à responsabilidade que lhes pode ser atribuída pela apresentação de espectáculos.

Por sua vez, o eng.º Paulo Rocha, referindo-se ao mesmo assunto disse:

— Agora não há censura, mas há uma coisa pior: é a responsabilidade que nos é atribuída.

Depois de aludirem à atitude do Sindicato dos Profissionais de Cinema, que ocuparam a Direcção-Geral de Espectáculos, frisando que aquela atitude «tinha mais um significado político do que efectivo», pois o director dos serviços, dr. José Maria Alves «não estava lá e tudo se passou como quando nós lá vamos e o facto é que ele voltou a ocupar o lugar, embora, segundo consta, vá ser afastado temporariamente das funções», Fernando Fernandes salientou:

— Felizmente que nos adiantámos à acção do sindicato e o podemos controlar. Ao fim e ao cabo o dr. José Maria Alves, apesar de ser monárquico, era uma pessoa nossa conhecida. Agora podemos dar qualquer espectáculo, desde que seja para maiores de 18 anos, mas cabe-nos a responsabilidade.

Em formação a Comissão de espectáculos

— ESTAMOS em reunião de distribuidores e exibidores de forma a nomear, de entre eles, o grupo de cinco que fará parte da Comissão de Classificação de Espectáculos, que em breve entrará em funções — afirmou-nos o actor Artur Semedo referindo-se ao andamento das diligências com vista à fundação de um organismo que tome a seu cargo o problema dos espectáculos em Portugal, aproveitando a nítida abertura agora registada.

— Para que não se confunda a actuação desta comissão com a da «falecida» e de tão triste memória «Censura», convém dizer desde já que apenas deliberará sobre a classificação dos espectáculos e não exercerá qualquer atitude censória, limitando-se a estabelecer um escalonamento etário partindo do princípio que todos os filmes serão autorizados aos maiores de dezoito anos.

Sobre a constituição da comissão fomos informados que os 15 elementos que a integrarão sairão de representantes dos cineastas (cinco), de representantes dos distribuidores e exibidores (cinco), a que se juntarão cinco pedagogos, entre eles possivelmente alguns especialistas em psicologia infantil.

— De agora em diante todos os filmes poderão entrar e ser exibidos em Portugal sem qualquer corte. Mas a comissão a fundar não deixará de exercer apertada vigilância sobre os filmes de baixa pornografia que falsificam as finalidades do verdadeiro cinema — concluiu Artur Semedo.

Os elementos a propor para compor a Comissão de Classificação dos Espectáculos serão escolhidos esta tarde e os seus nomes serão apresentados à Junta de Salvação Nacional.

GLAUBER ROCHA EM LISBOA

O cineasta brasileiro Glauber Rocha, que estava em Parja, resolveu deslocar-se a Lisboa para viver o momento que passa no nosso País. Glauber Rocha integrou-se numa equipa independente de reportagem cinematográfica que filmou as manifestações de ontem com a finalidade de elaborar um documentário.

É importante que assistamos às várias edições do Telejornal, para revivermos o que foram as manifestações do 1.º de Maio, ontem efectuadas em todo o País. Todas as equipas da Televisão andaram na rua, colhendo a alegria e o entusiasmo nunca vistos do nosso povo. As imagens de júbilo e os gritos incontidos de vitória demonstram bem que o povo está com os libertadores da Pátria.

I PROGRAMA

19.00 Silêncio... vamos rir
Vamos rir, sim senhor, porque vem aí um filme de Bucha e Estica. Os dois grandes cómicos, que ao longo de muitos anos formaram uma parelha de respeito, aparecem mais uma vez envolvidos em extraordinárias aventuras que divertirão os pequenos telespectadores.

19.30 Telejornal
Notícias e imagens de Portugal, especialmente ligadas às manifestações de ontem, por ocasião do 1.º de Maio.

19.45 TV infantil
Desenhos animados durante alguns minutos.

20.00 Povo que canta
Série produzida por Michel Giacometti e realizada por Alfredo Tropa, a partir dos elementos de folclore nacional recolhidos em várias zonas do País.

20.30 Telerritmo
Um programa de variedades em que, além de outros artistas, actuam os cançonetistas Patxi Andion, Rhoda Scott e o Duo Orfeu.

21.30 Telejornal
Notícias do País e do estrangeiro, actualidade desportiva e informação sobre o tempo.

22.00 Noite de cinema
Integrado no Ciclo de Cinema Europeu, projecção do filme «Se Paris falasse», de Sacha Guitry, com Pierre Vaneck, Gerard Philipe, Daniel Darrieux, Marguerite Jamois, Jean François Rémi, Claude Nollier, Jacques Morel, Bernard Dheran, Luís de Funés, Jacques de Feraudy, Françoise Arnould, Gisele Pascal e Micheline Dax. Música de Jean Françaix. Director de fotografia, Philipe Agostini.

23.45 Telejornal

23.50 Fecho

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados
Programa preenchido com a presença do famoso «Pica-Pau», figura célebre entre as muitas criadas para os desenhos animados.

19.15 No mundo da arte

19.30 Doris em apuros
Mais um episódio em que uma jovem jornalista se vê frequentemente envolvida em situações melindrosas no desempenho das suas funções. Mas ela sabe como desenvencilhar-se dos apuros...

20.00 Recital
Obras de diversos compositores clássicos, interpretadas pela pianista Maria José de Morais.

20.30 O jogador de futebol
Exibição da película italiana «Il Goleador», realizada por Francesco Calderone e Luigi Perelli. Intérpretes: Richard Salvino, Marilu Tolo, Edda di Benedetto e Vittório Duse.

21.30 Telejornal

22.00 Foi êxito na TV
9.º episódio da série «Os primeiros Churchill» que, sob o título de «Reconciliação» narra o reconhecimento de Anne como legítima herdeira e o reconhecimento de William como legítimo herdeiro de Inglaterra. Interpretações por Margaret Tyzac, Alan Rowe, Robert Robinson, Susan Hampshire e John Neville. Realização de David Giles.

22.50 Eurovisão
Festival de Bratislava, com a 9.ª Sinfonia de A. Dvorak executada pela Orquestra Sinfónica Eslovaca, sob a direcção de Zmkosler.

23.35 Fecho

AMANHÃ — I PROGRAMA

1.º PERÍODO — **12.45:** Abertura; **12.47:** Desenhos animados (TV Funnies); **13:** Saber não faz mal; **13.15:** «Valérie e a aventura» — 1.º episódio com Marianne Koch, Marc Cassot, Jean François Calve, Fabrice Bruno e Alexandre Riguault. Realização de Robert Vernay; **13.45:** Telejornal — 1.º edição; **14:** Secos e molhados — Programa musical; **14.25:** Logo à noite — Cartaz dos programas da R.T.P. e dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto. 2.º PERÍODO — Ciclo Preparatório TV — **14.40:** Matemática, 1.º ano; **15.05:** Língua Portuguesa, 2.º ano; **15.30:** História e Geografia de Portugal, 1.º ano; **16:** Francês, 2.º ano; **16.25:** Trabalhos Manuais, 1.º ano; **16.50:** Educação Musical, 2.º ano; **17.25:** Matemática, 2.º ano; **17.50:** Língua Portuguesa 1.º ano; **18.15:** Ciências da Natureza, 2.º ano; **18.40:** Francês, 1.º ano; **19:** «Skippy» — Série juvenil com Ed Devereaux; **19.30:** Telejornal — 2.º edição; **19.45:** TV infantil; **20:** Inventário musical — Um programa de Francisco de Orey; **20.30:** Bela, todinha no coração — Programa de Reinaldo Varela e José Manuel Coelho; **21.30:** Telejornal — 3.º edição. Noticiário do País e do estrangeiro. Actualidade desportiva e o boletim meteorológico; **22.05:** «O destino voador» — baseado num conto de Anthony Berkley com John Carson, Allan Culbertson, Jennifer Jane, Marian Spencer e Tony Steedma; **23:** Vivendo sambando — Programa musical com Wilson Simonal; **23.55:** Telejornal — 4.º edição; **0.05:** Fecho.

II PROGRAMA

19: Abertura e desenhos animados; **19.15:** Saber não faz mal; **19.30:** «Valérie e a aventura»; **19.55:** «Os sete garotos» — Com Bob Hope, George Tobias, Angela Clark e James Cagney; **21.30:** Telejornal — 3.º edição (Em simultâneo com o I Programa); **22:** Opereta — «O morcego» de Johann Strauss com Gundula Janowitz, Everhard Wachter, Renata Holm e Erich Kunz. Orquestra Filarmónica e Coro de Viena sob a direcção de Karl Bohm; **0.20:** Fecho.

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1808 — Em manifesto dirigido às nações amigas, o infante D. João, regente do reino, expôs as razões que o obrigaram a instalar a corte portuguesa em terras do Brasil

A CAPITAL

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1844 — Morreu o escritor satírico inglês William Beckford, autor de dois livros sobre Portugal nos quais com fino humor analisou a sociedade portuguesa dos fins do século XVIII

A CAPITAL

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1735 — Morreu o dominicano português Pedro Monteiro, pregador de D. Pedro II e de D. João V, um dos fundadores da Academia Real de História de Portugal

A CAPITAL

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 2 a 21 de Maio de 1974 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicados:

CAIXAS DE PREVIDÊNCIA	POSTOS CLÍNICOS	SERVIÇOS
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra — Av.ª Fernão de Magalhães, 620 — **COIMBRA**	Quiaios	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo — Largo 5 de Outubro, 69 — **VIANA DO CASTELO**	Viana do Castelo	Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora — Rua Chafariz d'El-Rei, 22 — **ÉVORA**	Arraiolos	Clínica Médica
	Borba	Clínica Médica
	Estremoz	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro — Rua Infante D. Henrique, 34-1.º — **FARO**	Lagos	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria — Av.ª Heróis de Angola, 59 — **LEIRIA**	Bombarral	Clínica Médica
	Marinha Grande	Clínica Médica
	Nazaré	Clínica Médica
	Pataias	Clínica Médica
	Caldas da Rainha	Cardiologia
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria dos Lanifícios — Av.ª João Crisóstomo, 67 — **LISBOA**	Gouveia	Cirurgia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém — Largo do Milagre — **SANTARÉM**	Abrantes	Ortopedia
	Golegã	Ginecologia Obstetrícia Pediatria
	Samora Correia	Clínica Médica
	Minde	Estomatologia Ginecologia Clínica Médica Obstetrícia Pediatria
	Tomar	Urologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa — Av.ª Estados Unidos da América, 39 — **LISBOA-5**	Cascais	Clínica Médica Pediatria
	Mafra	Ginecologia Obstetrícia
	S. João das Lampas	Clínica Médica
	Pero Pinheiro	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto — Rua das Doze Casas, 143 — **PORTO**	Área da cidade do Porto	Oftalmologia
	Avintes	Pediatria
	Baião	Ginecologia Pediatria
	Carvalhos	Pediatria
	Foz do Sousa	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu — Largo 28 de Maio — **VISEU**	Trevões	Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 21 de Maio de 1974 na Inspecção Médica da Federação, na Av.ª dos Estados Unidos, 37-5.º, Esq. - Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 2 de Maio de 1974.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1497 — Partiu do porto de Bristol, no navio «Mathew», para ir reconhecer as terras do noroeste do Atlântico o navegador português ao serviço da Inglaterra João Caboto. O «Mathew» tinha uma equipagem de apenas dezoito homens

A CAPITAL

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

VENDA DE TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO

Edital n.º 52/74

MANUEL ROSADO CALDEIRA PAIS, LICENCIADO EM CIÊNCIAS HISTÓRICAS E FILOSÓFICAS E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA:

De harmonia com a deliberação municipal de 23 do corrente, faço público que no próximo dia 21 de Maio, pelas 17 horas, na sala das reuniões dos Paços do Concelho, se procederá à alienação, em hasta pública dos seguintes lotes de terreno na Zona dos Bombeiros, no prolongamento da Av. Salazar, na Costa da Caparica, dos seguintes lotes de terreno:

Lote BT, para 62 fogos, com a base de licitação de 8 750 000$00 e o lanço mínimo de 250 000$00;

Lote BB1, para 20 fogos, com a base de licitação de 3 200 000$00 e o lanço mínimo de 100 000$00;

Lote BB2 para 24 fogos, com a base de licitação de 3 600 000$00 e o lanço mínimo de 100 000$00.

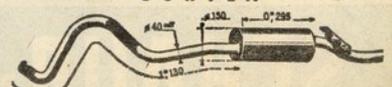
As condições gerais e especiais referentes à alienação encontram-se patentes ao público todos os dias na 1.ª Secção dos Serviços Centrais da Secretaria, durante as horas de expediente.

A Câmara Municipal reserva-se o direito de não efectuar a adjudicação se assim o entender conveniente aos seus interesses.

O período da praça indicado no n.º 9 das condições gerais de hasta pública é reduzida para 15 minutos, a não ser que seja necessário prolongar esse período pelas circunstâncias especiais de momento da licitação.

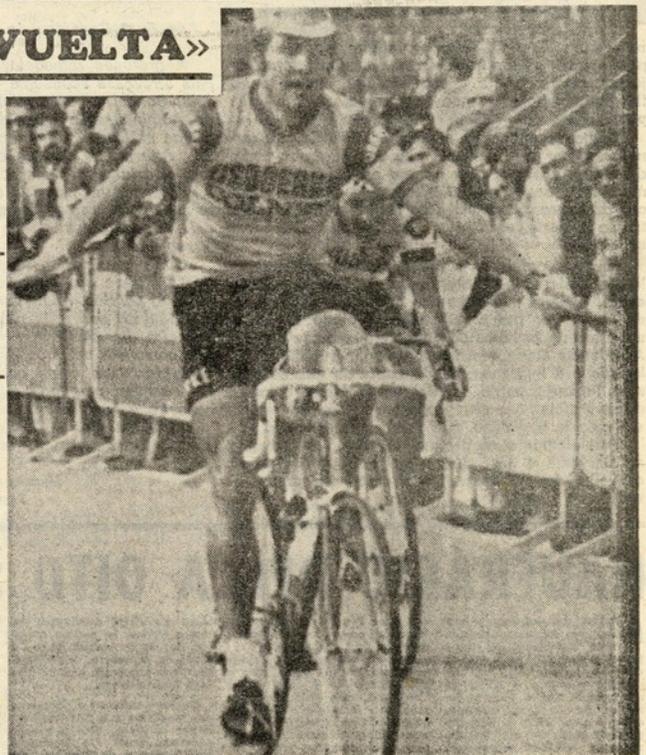
Para constar, se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho de Almada, 29 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Manuel Rosado Caldeira Pais

JOSÉ SARABANDO na «VUELTA»

AGOSTINHO AINDA É CANDIDATO A TRIUNFO

UPI-Tellmprensa para «A Capital»)

Swerts, corta a meta instalada no circuito de Jarama, sagrando-se vencedor da 8.ª etapa

MADRID, 2 — Ontem, dois centros desportivos desta capital constituiram pólo de atracção para milhares de madrilenos: em Jarama, a meio da tarde, os ciclistas e acompanhantes que constituem o colorido espectáculo da «vuelta», chamaram as margens verdejantes da pista de asfalto o cidadão que aspira a ver de perto os seus idolos da pedalada, Ocaña, Lasa, «Peru» ou Torres; mais perto do coração de Madrid, no Estádio de Bernabeu, Franco mostrou-se ao povo, a quem foi anunciada uma «demonstração sindical», em que intervieram mais de cinco mil trabalhadores de 29 províncias, num espectáculo desportivo-folclórico de luz, cor e som. Curiosamente, estava-se no 1.º de Maio, data que o regime franquista adoptou como festa do trabalho, sob a protecção de «S. José artesano». Durante todo o dia, e já na véspera, helicópteros da Guarda Civil e agentes policiais patrulhavam toda a cidade. Pessoas que abordámos, para saber das suas opiniões sobre o aparato preventivo, limitaram-se a dizer-nos, umas, que lhe desconheciam as razões, outras, mais cientes do mundo que as rodeia, que se destinava a evitar manifestações de rua, como se tem, com frequência, verificado nesta efeméride. Como comentava, à noite, no hotel onde se encontram os jornalistas que cobrem a volta ciclista a Espanha, o jornalista francês Pierre Chany, do «L'Équipe», admirador ferrenho de Miterrand, «O que é preciso é dar pão e circo ao povo. E em Espanha — acrescentou ainda, há as touradas e o flamengo...»

MAS a «Vuelta» continua. Os ciclistas, heróicos actores do imenso tablado que são as estradas, percorridas sob um esforço imenso, à custa de suor e quantas vezes de lágrimas de dor ou desespero, prosseguem na caminhada que os levará a San Sebastian. Até Jarama, onde terminou o que se pode chamar a primeira grande etapa da volta deste ano, na qual todos se têm demonstrado à altura uns dos outros, apenas uns poucos, pelos acasos do azar ou por falta de preparação atlética adequada, ficaram pelo caminho e, com eles a ilusão do estrelato efémero no mundo do ciclismo. Os restantes, percorridos quase 1500 quilómetros sob chuva e frio, rolando por pisos em péssimo estado («Isto não é uma Volta a Espanha, é uma volta aos becos», dizia-nos há dias o português Joaquim Leite), preparam-se para encetar o trajecto mais difícil, o que se inicia com a etapa de hoje, entre Madrid e Los Angeles de San Rafael. São 158 quilómetros através de montanha, corridos pelos caminhos da serra de Guadarrama, com três contagens para o prémio da montanha, considerados pelos especialistas como dificílimos. Para se poder avaliar do que será exigido aos atletas das duas rodas, basta dizer que no primeiro, em La Morcuera, serão subidos 900 metros em apenas 10 quilómetros de estrada; no segundo, em Los Cotos, as dificuldades serão idênticas; o terceiro será mais acessível, mas quando os ciclistas o atingirem já terão 135 quilómetros nas pernas.

Será uma jornada dificílima. Irremediavelmente selectiva. Onde os «trepadores» terão de se superar a eles próprios, se querem conquistar um lugar mais ou menos tranquilo no topo da tabela. Até agora, não o conseguiram, pois limitaram-se a acompanhar os «sprinters» que correm a seu lado, e que não têm encontrado acidentes orológicos suficientemente «ásperos» para os impedirem de permanecer na liderança da prova.

Ciclista paga peças de bicicleta

AS duas últimas etapas, entre Ciudad Real e Toledo e entre esta última e Madrid, em pouco alteraram as posições até então firmadas na tabela classificativa. As planuras de La Mancha permitiram, a todos, manterem-se integrados num pelotão compacto, onde a mais pequena tentativa de fuga era facilmente anulada. A chuva, grande inimiga dos corredores nesta edição da «Vuelta», desde Almeria, parou de cair. Tudo se passou, assim, como se de um passeio se tratasse.

Um passeio sem dificuldades para quem tem pernas e lhe sobra apoio. Joaquim Agostinho e Andrade incluídos, já que o potentado Bic e a equipa Mic-Gribaldy estão por detrás da corrida de cada um deles. Mas já o mesmo não acontece com os rapazes do Benfica-Coelima, para quem os problemas não são só os do desgaste físico que a estrada provoca.

(E aqui cabe um parentesis, para uma explicação: o repórter não é do Benfica, nem do Sporting, nem tem doentia paixoneta por qualquer cor clubística. De clubite está isento, e por isso à vontade para distinguir a pedaleira de uma bicicleta, «encarnada» que ela seja, de quem a monta. Como a vontade está para apontar, ou denunciar, o que de anómalo aqui se passa como o quotidiano de cada ciclista que acompanha nesta volta em que o homem é, incontestavelmente, a única peça digna de análise. E isto porque...)

Ontem, quando o benfiquista José Madeira, por sinal o português melhor classificado, neste momento, a seguir a Joaquim Agostinho, se encontrava à porta do controlo médico, onde faria a análise anti-«doping» após a etapa concluída, foi abordado por um comerciante madrileno, que lhe propunha a venda de «boieaux» (designativo por que são conhecidos os pneus das bicicletas de corrida). Madeira discutiu preços, e fê-lo de tal maneira, que o interessado na venda lhe perguntou, em dado momento, se era ele que iria despender o dinheiro de seu bolso. Perante a resposta afirmativa do ciclista, o comerciante apresentou uma incontida expressão de espanto, a que logo acrescentou, já por palavras, que era a primeira vez que tinha tomado conhecimento de uma tal situação.

Com efeito, ao contrário do que acontece com todos os que correm esta «Vuelta», os ciclistas do Benfica pagam, do seu próprio bolso, o material que gastam na corrida.

Agostinho favorito

ENTRETANTO, Agostinho é, nesta altura, apontado como um dos prováveis candidatos ao triunfo final desta «Vuelta». Ocaña, que constitui o único obstáculo teórico à caminhada dos corredor sportinguista para o podium, tem comprometida a recuperação da bronquite que o aflige. Já poucos acreditam nas suas possibilidades quanto a um triunfo final. A questão, aliás, foi posta ao seu técnico, Maurice de Muer, que afirmou, sem sofismas:

— A vitória por equipas, nesta volta a Espanha, está, quanto à Bic, posta fora de causa. De resto, não era esse o nosso intento, desde o início da corrida. O que pretendemos é ganhar a volta com Ocaña ou, se não puder ser, com Agostinho.

Será cumprida a vontade de Muer? A estrada, com seus caprichos e dificuldades, ditará a lei. Uma lei dura, que só a partir de hoje começa a ser passada ao papel.

Classificação geral

1.º — Perurena (Kas), 38.44.33; 2.º, Lemes (Mic-Ludo), 45.19; 3.º, Lasa (Kas), 45.37; 4.º, Manzaneque (Casera), 45.46; 5.º, Abilleira (Casera), 45.56; 6.º, Torres (Casera), 45.56; 7.º, Ocaña (Bic), 45.59; 8.º, Linares (Kas), 46.00; 9.º, Fuente (Kas), 46.00; 10.º, Oliva (Casera), 46.06; 12.º, Agostinho (Bic), 46.10; 24.º, Madeira (Benfica), 48.33; 25.º, Mendes (Benfica), 48.36; 27.º, Tamames (Benfica), 50.09; 29.º, Martins (Benfica), 50.58; 32.º, Andrade (Mic Ludo), 51.29; 37.º, Leite (Benfica), 52.51; 47.º, V. Fernandes (Benfica), 54.40; 59.º, Aires (Benfica), 59.44.

SELECÇÃO RUSSA EM ALVALADE?

A direcção do Sporting Clube de Portugal contactou a Federação Portuguesa de Futebol no sentido de dirigir um convite à selecção da U. R. S. S. para uma possível deslocação a Portugal, no final do Campeonato Nacional. Dado que os soviéticos não lograram ficar apurados para a fase final do Campeonato Mundial a disputar em Munique e têm, além disso, manifestado o desejo de se deslocar ao nosso País, é muito possível que ainda este mês possamos assistir, no Estádio Alvalade, a um encontro entre as equipa de futebol do Sporting e da União Soviética.

A CAPITAL

NA sequência dos históricos acontecimentos registados nos últimos dias em Portugal, os jornalistas da redacção de «A Capital» reuniram-se no local de trabalho, ontem, 1.° de Maio, pela manhã, para apreciarem a situação interna do jornal, relativamente à abolição da censura e ao fim dos condicionalismos que prejudicavam a independência da Imprensa.

Como resultado da discussão travada, os jornalistas, por unanimidade, não por qualquer razão de ordem pessoal, mas porque entenderam que é necessário esquecer radicalmente a anterior sujeição da Imprensa, pediram ao conselho de administração do jornal a demissão dos actuais director e subdirector.

Posto o problema à administração, foi estabelecido diálogo, por intermédio de uma comissão eleita, diálogo que decorreu dentro da maior cordialidade. Por fim a redacção deliberou conceder um prazo de 24 horas para se atender o seu pedido. Acordou-se ainda num texto a enviar à Rádio, à Televisão e à Imprensa, dando conta do que se passara. Posteriormente, verificaram-se factos e foram dadas notícias que ultrapassaram a comissão eleita e a própria Redacção, que deles se dissociam.

Paralelamente, os professores Henrique Martins de Carvalho e José Júlio Gonçalves dirigiram ao conselho de administração a carta que transcrevemos:

1 de Maio de 1974

Ao Ex.mo Conselho de Administração:

A profunda remodelação política que o nosso País atravessa aconselha — na opinião do dr. José Júlio Gonçalves e na minha — que esse Conselho de Administração e as demais entidades competentes estejam inteiramente livres para, na «Capital», fazerem as nomeações ou realizarem as escolhas que julguem mais adequadas.

Por isso, no passado dia 30 de Abril pusemos os nossos lugares à disposição de VV. Ex.as. E nesta data julgamos dever insistir pela concretização do nosso desejo.

Queremos, porém, que fique bem claro que à nossa atitude não pode ser atribuído qualquer significado político, relativamente à Junta de Salvação Nacional ou aos seus propósitos. Não só desde o primeiro dia «A Capital» se manifestou a seu favor, como nós próprios tivemos a honra de com ela contactar, bem como com vários dos seus membros, a quem nos ligam aliás laços antigos do maior respeito e consideração.

Apresentamos a VV. Ex.as os nossos cumprimentos e subscrevemo-nos muito respeitosamente

Henrique Martins de Carvalho
José Júlio Gonçalves

DIA CALMO NO HOSPITAL DE S. JOSÉ

O cirurgião-chefe ontem em serviço no Hospital de S. José teve a amabilidade de telefonar para «A Capital», informando que o dia 1 de Maio de 1974 foi um dos mais calmos de sempre no banco daquele hospital. Alguns acidentes ligeiros (nomeadamente quedas de motoretas), normais em qualquer dia, não alteraram a relativa quietude do pessoal ali em serviço.

«Tivemos tempo para ouvir pela Rádio o relato das manifestações», disse-nos o médico acima referido.

Meteu uma forquilha no pescoço do tio

Recolheu ao Hospital de Santa Maria, em estado grave, Ernesto Cardoso, de 62 anos, residente em Palhais, S. Sebastião de Guerreiros, Loures, que foi agredido na própria residência por um sobrinho que lhe atravessou o pescoço com os dentes de uma forquilha, após se terem envolvido em discussão.

Jovem morre intoxicada

Chegou já morta ao Hospital de São José, Maria Clara Fernandes Duarte Santos, de 13 anos, intoxicada por gás butano na sua residência. O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Entretanto, naquele estabelecimento foi já identificado o cadáver do indivíduo que falecera no dia 29 em consequência do choque do automóvel em que seguia, com uma camioneta, no Cacém. Trata-se de Joaquim António Pereira da Silva, de 50 anos, comerciante, da Rua António Cardoso, 43, Rio de Mouro, Sintra.

Para o mesmo instituto foi levado o cadáver de Manuel Assunção Simões Marques, de 49 anos, residente na Rua de S. João de Deus, 3, no Dafundo, que adoeceu subitamente em casa e chegou já morto ao Hospital de São José.

VELOCIDADE MATA TRÊS EM ARRAIOLOS

TRÊS pessoas perderam a vida e duas ficaram feridas, uma das quais se encontra em estado de coma, num acidente ocorrido às 20 horas de anteontem na Estrada Nacional N.° 4, a três quilómetros de Arraiolos.

Talvez devido a excesso de velocidade, uma viatura conduzida por João Lourenço Pontes Tiago saiu da faixa de rodagem, indo embater violentamente numa carrinha conduzida por David Vicente Freire Figueiredo.

Do embate resultou a morte imediata do condutor do veículo causador do acidente e do seu acompanhante, Celestino Manuel Teguinho Borrega, 1.° cabo enfermeiro da Marinha, em serviço no Hospital da Marinha.

David Vicente Freire Figueiredo foi ainda transportado com vida ao Hospital de Évora, tendo, porém, sucumbido aos ferimentos.

João António Coelho Barriga Negra encontra-se internado no Hospital de Évora em estado de coma e o terceiro ocupante do veículo atingido, Elvídio Raimundo Lobinho Cachatra, 1.° sargento do Exército, em serviço no Depósito Geral de Adidos, foi conduzido ao Hospital Militar de Lisboa, depois de ter recebido os primeiros socorros no Hospital de Évora.

NAUFRÁGIO DEIXA OITO SEM PAI

APESAR das constantes buscas que decorreram durante esta madrugada, tal como já havia sucedido na manhã e tarde de ontem, ainda não foi possível encontrar o corpo do marítimo Domingos Pereira Cabeleira, de 44 anos, casado, arrais e proprietário de uma frágil embarcação de madeira, denominada «Ricardo Alexandre», que pelas 7 e 30 de ontem naufragou a cerca de 100 metros da Praia Azul, em Espinho.

A bordo, encontravam-se cinco marítimos, que se entregavam à pesca costeira. O mar estava bonançoso, com uma ou outra vaga mais forte, embora o local seja considerado muito perigoso pelos «lobos do mar» locais. De terra, marítimos que se entretinham em várias actividades deram o alarme, ao mesmo tempo que das águas vinham gestos e gritos de desespero. A embarcação havia soçobrado perante uma vaga mais alterosa.

Em terra notou-se o desespero dos populares que acorreram em largas centenas, sem que nada pudessem fazer. Os Bombeiros Espinhenses e de Espinho, com muito do seu material, foram testemunhas de uma tragédia que se prolongaria por duas horas.

A nado, ao fim de dramáticos esforços, conseguiram atingir terra os tripulantes José Paquete, casado, de 43 anos; José Maria Picado, de 32 anos, casado, e ainda Artur Passos, casado, de 36 anos. António Ferreira Campos, de 42 anos, seria salvo, através de uma embarcação dos bombeiros, que entretanto foi lançada à água, já quando tudo fazia querer que a lista de desaparecidos iria aumentar.

É opinião geral que o desaparecido Domingos Pereira Cabeleira terá sido vítima de forte pancada pelo costado da embarcação, quando se voltou.

Em casa, viúva e oito filhos menores lamentavam esta manhã a sua desdita.

AVIONETA LEVANTA

SEM DEIXAR RASTO

OS radares do aeroporto de Lisboa detectaram, na passada terça-feira, cerca das 12 e 30, uma avioneta que levantou voo da região de Leiria. O aparelho não apareceu mais. Entretanto, a ocorrência está a ser averiguada.

«O pequeno aparelho estava já nos sete mil pés. Subi a correr à torre de controlo. Não há notícias de que tenha aterrado em qualquer aeródromo nacional», revelou ao nosso jornal o major Casanova, em serviço no aeroporto de Lisboa.

A G. N. R. foi alertada. Foram ainda estabelecidos contactos com alguns aeródromos espanhóis. «É possível que tenha aterrado nalguma quinta...», acrescentou a nossa fonte de informação. Aquele oficial, envolvido no Movimento das Forças Armadas, exibiu a sua boa disposição e optimismo com a seguinte afirmação: «Tudo vai bem desde que não saia ouro e não entre pólvora.»

O caso não é do conhecimento da Base Aérea de Monte Real. Depois de um contacto com o guarda do Aeroclube de Leiria, Abílio da Silva Ferrinho, foi possível averiguar que a avioneta de um agrónomo levantou voo em direcção a Cascais, mas na semana passada, pelo que não existe, aparentemente, qualquer relação com a «misteriosa avioneta».

Apreensão momentânea de 1020 contos

OS funcionários em serviço no aeroporto de Lisboa apreenderam, nos últimos dois dias, cerca de 1020 contos a quatro passageiros das carreiras internas. Mais tarde, os portadores de tais quantias, especialmente de duas de 480 e 400 contos, vieram a provar que os levantamentos se destinavam ao pagamento de salários. Uma das pessoas envolvidas voava para Faro.

Entretanto, os funcionários continuam a revistar passageiros e bagagens, com atenção muito especial a quantias em dinheiro e cheques visados. Os passageiros têm compreendido as demoras inerentes à operação de vigilância.

Conforme foi já noticiado, a Junta de Salvação Nacional fez saber que qualquer tentativa de desvio de divisas será severamente punida.

EFEMÉRIDE

DIA 2 DE MAIO

1537 — Tendo como lente o frade dominicano espanhol João Pedraça, foi inaugurada na Universidade de Coimbra a cadeira de Sagrada Escritura

A CAPITAL

CONDUTA DE ÁGUA INUNDA MARGINAL

O nó de ligação de auto-estrada com a avenida marginal apareceu hoje, completamente inundado, obrigando os motoristas a uma marcha lenta, sobretudo na curva que liga as duas vias onde a água estava acumulada.

A conduta de água, situada junto à capela da Boa Viagem, na mata do Estádio Nacional, foi a responsável pelo incidente, por ter rebentado. O desprendimento de terra consequente enlameou o acesso de ligação entre Algés e a auto-estrada, junto à murada da mata.

Uma brigada de trânsito da G.N.R. que apareceu no local às 7 e 30, encontrou já a inundação. Através da rádio avisou a Companhia das Águas que, entretanto, tomou conhecimento da situação só por volta das 9 horas. Segundo um funcionário da equipa da Companhia das Águas, a conduta, que abastece Oeiras foi fechada às 9 horas sem ter sido feito o cálculo da quantidade de água despejada. Este mesmo funcionário acrescentou que é normal acontecer este tipo de problemas provocado, às vezes, pelo movimento do terreno, mas lamentou que as pessoas se limitem a ver a água correr sem tomar logo a providência de avisar os responsáveis. Assim mesmo, o abastecimento de água a Oeiras não ficou prejudicado porque dispõe de outra conduta. Os trabalhos de reparação devem prolongar-se até à noite.

Uma camioneta atravessa a «piscina»